



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

**OLHARES SOBRE A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL:
A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO
DA SOCIEDADE BRASILEIRA NOS SÉCULOS XVI E XIX.**

CARPEGIANO OLIVEIRA DO NASCIMENTO
Matricula nº 2003133-04

Orientador (a): Dr^a. Maria Emília Porto

NATAL
DEZEMBRO DE 2009

CARPEGIANO OLIVEIRA DO NASCIMENTO

OLHARES SOBRE A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL:
A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA NOS SÉCULOS XVI E XIX.

Trabalho de Conclusão de Curso
supervisionado como pressuposto
para obtenção de Grau e Licenciatura
e Bacharelado em História.

Orientador (a):
Dr^a. Maria Emília Porto

NATAL
DEZEMBRO DE 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FICHA DE APROVAÇÃO

Este projeto monográfico foi avaliado como plano de ação para conclusão do
Curso de Licenciatura e Bacharelado em História.

OLHARES SOBRE A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL: A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E
SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NOS SÉCULOS XVI E XIX.

CARPEGIANO OLIVEIRA DO NASCIMENTO
Matricula nº 2003133-04

BANCA EXAMINADORA

PROF. Dr^a Maria Emília Porto
PROF. Eduardo Brandão Suassuna
PROF. Aurinete Girão

NATAL
DEZEMBRO DE 2009

ACADÊMICO

OLHARES SOBRE A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL: A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NOS SÉCULOS XVI E XIX.

Este trabalho de conclusão de curso está aprovado e será encaminhado para defesa em Banca Examinadora pública do curso de História do Centro de Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professor Orientador: Dr^a. Maria Emília Porto

Natal, _____ de _____ de 2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por tudo quem tem feito na minha vida. As minhas filhas: Sophia e Kayla, pois por elas adquiri forças para me renovar nesta caminhada. A minha família e esposa.

A minha professora e orientadora, Dr^a Maria Emília pela paciência, incentivo e por ter acreditado que eu era capaz de chegar até aqui.

A todos os professores deste departamento pelos quais tive a oportunidade de adquirir conhecimento necessário para a minha formação e atuação como docente.

Aos meus amigos que caminharam comigo nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado a fazer o curso que almeja e por ter me ajudado nesta caminhada ao longo desses anos. A minha família: esposa, pais, irmãs por ter me ajudado nos momentos mais difíceis em que me deparei para chegar até aqui. As minhas filhas – em especial Sophia – pelo amor que me proporcionou mesmo diante da minha ausência ao seu lado durante o curso e que foi fundamental para chegar até o fim.

A minha querida e amada professora/ orientadora: Dr^a Maria Emília Porto por ter acreditado que eu era e sou capaz de alçar vôos além daqueles que eu imaginava. A todos os professores do Departamento de História desta Universidade que contribuíram de forma efetiva para o meu aprendizado, aperfeiçoamento e crescimento como profissional.

Aos meus muitos e queridos amigos que me apoiaram e acreditaram em mim.

E agradeço em especial aos meus alunos que a cada dia que passa me faz enxergar que este realmente é o caminho certo o qual escolhi e que sou responsável diretamente pelas suas formações como cidadão, pessoas e agentes transformadores de uma sociedade.

RESUMO

A Companhia de Jesus surgiu em meio a acontecimentos que transformaram e modelaram o mundo europeu. “Transformações políticas, econômicas, sociais, intelectuais e religiosas que contribuíram para mudar comportamentos e mentalidades ‘arcaicas’ que insistiam em permanecer durante a Idade Moderna. O Iluminismo, O Renascimento Intelectual e a Reforma Protestante obrigaram a Igreja Católica a mudar sua estrutura e maneira de atuação no meio da sociedade.

A companhia de Jesus criada por Inácio de Loyola surge como uma alternativa para a difusão da fé católica e como meio para conquistar novos fiéis e assim combater o avanço do protestantismo.

Ao chegarem ao Brasil, a Companhia de Jesus vai enfrentar vários obstáculos para concretizarem seus objetivos e darem início a implantação do sistema educacional na colônia. Entre eles os costumes indígenas e os interesses escravagistas e econômicos dos colonos. Os padres da Ordem foram os grandes responsáveis por iniciarem o processo de educação no Brasil e através deste processo modelaram a sociedade colonial. Suas ações envolviam oferecer a “verdadeira” fé e cultura que era a européia. Iniciaram este processo através dos filhos dos indígenas, curumins, por achar que através das crianças seria mais fácil chegarem aos mais velhos.

Este contato com os pequenos índios contribuiu para o surgimento da língua oficial e falada na colônia e que originou o idioma nacional com sua miscigenação lingüística (dialetos africanos, indígenas e portugueses). Em Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, e Raízes do Brasil, de Sergio Buarque de Hollanda encontraremos a relação e dificuldades encontradas pelos padres jesuítas devido à ação dos colonos. Ao ser expulsos do Brasil em 1759, a Ordem volta no século XIX totalmente reformulada e sua estrutura pensada e implantada neste momento se assemelha aos métodos de pensar e fazer educação no Brasil que vai perpetuar nas décadas seguintes.

ABSTRACT

The Society of Jesus came as the event that transformed and shaped the European world. Political, economic, social, intellectual and religious changings which have contributed to change "archaic" behaviors and attitudes" that still insists on staying during Modern Age. The Enlightenment, Renaissance and the Intellectual Reformation forced Catholic Church to change structure of expertise in the social environment.

The Society of Jesus created by Ignatius of Loyola is an alternative of spreading the Catholic faith and as a way to gain new adherents and to combat the spread of Protestantism.

Upon arrivaing in Brazil, the company wiull face many obstacles to realize its goals and to begin the implementation of the educational system in the colony. Among these ones indigenous customs and the economic interests of slaveholders of the settlers. The priests of the Order were responsible for initiating the process of education in Brazil and through this process modeled on colonial society. Their actions involved offering "true" faith and culture which was the Europe one they started with children indigenous, urchins, because they thought that through the children it would be easier to reach the older ones.

This contact with the little Indians contributed to develop the official and language spoken in the colony that led the national language with its miscegenation language (Afrikaans, Indian and Portuguese). In "Casa Grande e Senzala" of Gilberto Freyre, and "Raízes do Brasil", of Sergio Buarque de Hollanda, we find the relationship and difficulties faced by Jesuit priests due to the action of the settlers. When expelled from Brazil in 1759, the Order comes in the nineteenth century completely reformed its structure designed and constructed at this point resembles the methods of thinking and doing education in Brazil that will perpetuate the following decades.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAP. 1 - A Companhia de Jesus: origem e contexto histórico | 4 |
| 1.1- A Contra-Reforma e a Companhia de Jesus: a relação do Estado Português e Igreja Católica | 5 |
| 1.2 - O conceito de educação e o objetivo para os padres da Contra-Reforma: o Ratio Studiorum..... | 7 |
| 1.3- Novos olhares sobre a Companhia de Jesus: análise historiográfica das obras de Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Hollanda..... | 9 |
| CAP. 2 - A Companhia de Jesus: seu marco inicial no Brasil Colonial | 13 |
| 2.1 - A Companhia de Jesus: os “soldados” de Cristo e sua atuação inicial na educação da colônia..... | 15 |
| 2.2- Novas terras: as dificuldades encontradas pelos “soldados” de Cristo..... | 18 |
| 2.3 – Interesses, escolas e ações: a formação da sociedade colonial mediante a ação educacional..... | 20 |
| CAP.3 - O fim da Companhia de Jesus e seu retorno no século XIX | 26 |
| 3.1 - O fim da Companhia de Jesus e as Reforma Pombalinas..... | 27 |
| 3.2 - A educação na colônia após a expulsão da Ordem..... | 29 |
| 3.3 - Mudança e permanência: o retorno da Ordem dos padres e a estruturação da educação no século XIX..... | 31 |
| 3.4 - O “recomeço” do fim: os últimos momentos da Ordem no século XIX..... | 36 |
| CONCLUSÃO | 38 |
| BIBLIOGRAFIA | 41 |

INTRODUÇÃO

Contar uma história é muito semelhante a percorrer um caminho. Quem conta (o narrador, o professor, o escritor ou o historiador) sempre escolhe o que vai contar, mesmo quando a história em questão realmente aconteceu. Essa escolha é feita não porque aquele que conta, quer esconder alguma coisa e distorcer a história, mas porque não há alternativa. A memória é seletiva e o contador conta a partir daquilo que mais lhe espanta ou envolve.

Como instituição social educativa, a escola vem sendo questionada acerca de seu papel ante as transformações econômicas, políticas sociais e culturais do mundo contemporâneo. Elas decorrem, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da reestruturação do sistema de produção e desenvolvimento da compreensão, do papel do Estado, das modificações nele operadas e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e nos hábitos de consumo. Você já parou para pensar quantas coisas aconteceram nas instituições escolares nesse período? Como foi o seu surgimento? Os problemas enfrentados para que a educação fosse implantada e se tornasse possível?

Diante do quadro atual em que se encontra o sistema educacional e sua relação com a sociedade no Brasil, nos perguntávamos sobre em que momento da história brasileira a educação foi pensada e implantada de forma efetiva, quando se deu seu marco inicial e de que forma sua estrutura foi pensada e no que se assemelha ao sistema dos dias atuais. Consideramos inicialmente que a transformação que o sistema educacional sofreu no Brasil até chegar aos dias atuais sempre esteve ligada aos comportamentos e acontecimentos sociais e que vem se arrastando desde o início da colônia. Pensando nisto é que chegamos ao tema deste trabalho: um estudo sobre o papel da educação através da Companhia de Jesus e sua contribuição para a construção da sociedade colonial ao implantarem a educação.

O início da educação no Brasil se deu com a catequização dos índios pelos missionários jesuítas. Apesar de que a evangelização dos naturais da terra fosse condição para o direito de conquista da Coroa Portuguesa, a chegada ao Brasil da Companhia de Jesus foi o que efetivamente implantou a educação na colônia, moldando a sociedade colonial, fazendo com que as tensões culturais do mundo europeu, a renovação intelectual, política e econômica alcançassem as colônias além mar, fazendo com que os nativos aderissem a sua cultura e a sua religião. De modo que no início da colonização, a educação brasileira foi ditada pelos interesses da Ordem dos Jesuítas que atuavam como um braço da Igreja Católica, tendo sido os responsáveis pela nova sociedade que se forma no Brasil no fim do século XVI e início do século XVII. No entanto, para modelar seu sistema educacional, a Companhia de Jesus teve também que se adaptar aos costumes locais.

O problema central de nosso trabalho é justamente compreender como foi implantada a educação no Brasil Colonial nesse período conturbado da história do “mundo europeu” e colonial.

Quais foram às práticas educativas que contribuíram para a construção da sociedade colonial. Chegamos a esse problema ao refletir sobre as transformações que a educação vem sofrendo. Consideramos de grande relevância compreender de que forma foi pensada, implantada e de como se encontrava o sistema educacional nos primeiros séculos da colônia, assim como suas propostas, as dificuldades enfrentadas, o que realmente foi implantado quando chegaram à colônia a partir de 1549.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar o processo inicial da educação no Brasil Colonial tomando como referência a Companhia de Jesus, o contexto em que ela surgiu, sua ação missionária e educativa e as transformações que provocaram, e seu papel na construção da sociedade colonial, não deixando de considerar as dificuldades enfrentadas até a expulsão da Ordem em 1759 com as Reformas Pombalinas.

Tomamos como apoio autores que contribuíram para um levantamento significativo sobre o papel da Ordem e a sociedade colonial como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Arno Wehling,

Tomamos como bibliografia de apoio, as obras de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, Sergio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil e Visão do Paraíso*, Arno Wehling, *Formação do Brasil Colonial e O Pensamento Jesuítico no Brasil Colonial*, Pe. Ferdinand Azevedo, *Ensino, Jornalismo e Missões Jesuíticas entre 1866-1874*, Raymundo Faoro, José Maria Paiva e Chico Alencar, entre outros autores e obras.

Diante desses autores, nosso trabalho se concentra em destacar a história da educação na colônia e sua relação com a sociedade local e o espaço público e privado e a educação jesuítica no Brasil colonial é de muito interesse, a partir do momento em que está ligada diretamente à área em que atuamos. Do ponto de vista histórico o trabalho possui grande relevância a partir do momento em que nos mostrará as transformações que o sistema educacional sofreu na colônia após sua chegada.

Em nosso método de trabalho levaremos em conta as transformações sociais relacionadas à implantação da educação a partir do ano de 1549, considerando o contexto histórico que antecedeu a criação da Companhia de Jesus e sua chegada ao Brasil até seu fim em 1759. Sua relação com o privado (fazendas e engenhos), os motivos que levaram a seu insucesso, a expulsão e a sua tentativa de retorno a partir de 1814, as dificuldades encontradas em sua atuação em dois momentos da História do Brasil: colônia (1549-1759) e o império (1834-1879), sobretudo no Segundo Império.

Estaremos analisando também, a tentativa de retorno da Companhia de Jesus em 1814 na Europa e no Brasil em 1823 através da proposta de José Bonifácio. A Companhia volta com as

mesmas características e objetivos do momento inicial de sua criação? O que foi incorporado ou modificado no que se refere aos seus objetivos e características quando comparados com o seu primórdio em 1549? Onde atuaram neste retorno?

No primeiro capítulo apresentaremos o contexto histórico social, político e econômico europeu em que surge a Companhia de Jesus, apresentando os acontecimentos que a antecederam, o conceito de educação para os padres da Contra-Reforma e a proposta de educação jesuítica através do método da *Ratio Studiorum*.

Ainda neste capítulo será feita uma análise historiográfica das Obras: *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Hollanda mostrando suas visões sobre a relação jesuítas e colonos e o processo de educação no início da colônia e sua relação com a construção da sociedade colonial.

No segundo capítulo comentaremos e analisaremos a chegada da Ordem na colônia do Brasil, as dificuldades encontradas, sua proposta e atuação, a formação das primeiras escolas, sua contribuição para a formação da sociedade colonial e suas relações com os colonos e nativos.

No terceiro e último capítulo falaremos como se deu o fim da Ordem em 1759 com as Reformas Pombalinas, os motivos que levaram a expulsão dos padres da Ordem da Europa e das colônias, como ficaram as escolas após o fim da Ordem, como foi sua tentativa de retorno em 1814 (na Europa) e no Brasil a partir de 1834, assim como suas semelhanças e diferenças entre os dois momentos em que foram criadas e restauradas.

1- A COMPANHIA DE JESUS: ORIGEM E CONTEXTO HISTÓRICO.

Nas primeiras décadas dos anos 1500, a Europa estava passando por várias mudanças de ordem política, econômica e, sobretudo religiosa. O Renascimento Humanístico, exaltando a valorização do homem e questionando o papel da Igreja católica como detentora de todo o conhecimento verdadeiro e a única responsável por transmiti-los, ganhava adeptos e defensores por toda a Europa.

Sendo assim, os humanistas se prontificaram em solucionar esses males. Queriam purificar a linguagem pela qual se transmitia a palavra de Deus, dar liberdade às Escrituras do exclusivismo eclesiástico, e apresentá-la como uma visão simples e de fácil compreensão. Além disto, os humanistas põem em dúvida a autoridade da Vulgata (versão da Bíblia em Latim) e colocam a ciência, que vinha se multiplicando, acima da autoridade da Igreja.

Os avanços tecnológicos, patentes nos empreendimentos marítimos, atuaram como fatores importantes que caracterizavam a Europa Moderna e esses avanços imperaram na Europa no início do século XVI. A Igreja também vinha sendo questionada pelo Estado Absolutista que se fortalecia dentro da Europa, cujo objetivo era consolidar a autoridade dos reis, os quais rejeitavam a teoria da supremacia e do universalismo do poder papal.

Dentro da própria Igreja questionamentos surgiam sobre o verdadeiro papel da Igreja na sociedade. Críticas ao comportamento mercantilista adotado pelo mesmo que resultou em uma cisão. A Reforma Protestante se espalhou por toda a Europa ganhando adeptos em vários países como Alemanha, França, Inglaterra e Holanda, entre outros. Podemos dizer que a Reforma foi um produto de vários fatores políticos por parte dos reis que desejavam o controle do Estado, econômicos, por parte da nobreza pelas terras da Igreja e da burguesia mercantil, e intelectuais, pela ação do Humanismo e sua crítica a Igreja.

É neste contexto de acontecimentos que foi criada a Companhia de Jesus em 1534 com o objetivo de reconquistar para a Igreja tudo aquilo que ela tinha perdido para os setores citados anteriormente. No início, a Companhia de Jesus foi criada com o apoio da Coroa Portuguesa e queria alcançar os povos das colônias antes dos protestantes e consolidar a conquista dos territórios coloniais para a Coroa.

1.1 - A Contra-Reforma e Companhia de Jesus: a relação do Estado Português e Igreja Católica.

Para compreender a dinâmica da Companhia de Jesus se faz necessário conhecer o contexto histórico em que ela surgiu, para que assim possa reconhecer seus verdadeiros objetivos. A Europa Moderna estava passando por vários conflitos religiosos. O Renascimento Cultural e Humanístico e a Reforma Protestante (1521-1555) contribuíram para as transformações que ocorreram no cenário político, econômico, cultural e religioso da Europa, os quais envolveram príncipes católicos e protestantes. De todos os conflitos travados na Europa, a Reforma Protestante foi a que mais preocupou a Igreja Católica e que lhe exigiu (da mesma) uma ação imediata.

Camões, um dos escritores portugueses da época, em sua obra mais conhecida, *Os Lusíadas*, cuja primeira edição data de 1572, nos oferece uma imagem do que representou a expansão planetária do império português: “Daqueles reis que foram dilatando a fé, o império. [...] As terras viciosas da África e da Ásia andaram devastando”.

O estado absolutista português atuava em estreita ligação com a igreja católica e estava baseado na fidelidade papal, sendo Portugal um dos poucos estados europeus que aceitaram sem restrição todas as decisões tomadas pelo Concílio de Trento.

É impossível imaginar a expansão marítima sem a conciliação de interesses entre a burguesia mercantil, a nobreza feudal, o estado e a igreja. Para isso a igreja já vai criar duas principais estratégias: um mecanismo institucional - a santa inquisição -, que para perseguir e julgar todos os pensamentos contrários aos dogmas ortodoxos e do cristianismo, que serão considerados crimes de heresia. Foi neste contexto que a Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola, junto com seis amigos – Nicolau Padilha, Francisco Xavier, Simão Rodrigues de Azevedo, Diogo Laynez, Piene Favre e Alfonso Salmeron -, que fizeram os votos de Montmart: da pobreza, da castidade e da obediência ao papa, em 5 de agosto de 1534. Sendo assim foi através deste primeiro passo informal que uma das mais importantes ordens religiosas da época moderna, tendo sido aprovada pelo papa Paulo III (1534-1549) nesse mesmo ano.

Segundo as Constituições da Companhia de Jesus (1547) – legislação que regulava a Ordem – seu objetivo era defender e propagar a fé católica por todo o território da cristandade, convertendo e ensinando crianças, jovens e adultos, convertendo os “gentios” e os outros “infiéis” que não professavam o catolicismo como fé, atendendo assim às necessidades da igreja católica.

O propósito da Companhia não é somente ocupar-se com a graça divina, a salvação e a perfeição das Almas próprias, mas com está mesma graça, esforçar-se intensamente por ajudar a salvação e perfeição do próximo (...) para aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristã, e para a propagação da fé (...). (ASSUNÇÃO, 2003, p.5-6).

Para alcançar os “gentios” e os “infieis”, os jesuítas trabalharam de duas formas diferentes. Para alcançar os “gentios” era necessário se aproximarem e viverem com eles, cuidando de suas doenças, ensinando técnicas artesanais e agrícolas, a fim de catequizá-los. Com isso surgem os aldeamentos e as missões. Já com os “infieis” era necessário atuarem de forma diferente, propondo o batismo das crianças e a educação dos jovens, ensinando-os a conterem suas moralidades baseado na religiosidade européia. Os jesuítas sentiam a necessidade de um espaço para iniciarem o processo educacional na colônia e que isso só seria possível mediante a posse de terras e a construção de casa (colégios) os quais seriam vitais para a efetivação do objetivo da Ordem.

Portugal foi o primeiro lugar de sua instalação oficial e onde se organizou a primeira província da Companhia de Jesus, mas lançou-se a outros países antes de chegar ao Brasil, como Japão, China, Índia e Angola. Logo se dedicou a promover a obra nas terras de ultramar, ação que pouco interessou inicialmente às demais ordens religiosas já existentes como os franciscanos, beneditinos e capuchinhos. A grande diferença existente entre a ordem dos jesuítas e as demais já existentes foi à ação missionária, atuando de forma direta sobre os fiéis.

Após a Reforma Protestante promovida por Martinho Lutero, e que ganhava seguidores se espalhava por toda a Europa, a Igreja Católica idealizou um contra-ataque à expansão das idéias luteranas com o objetivo de impedir que essas idéias chegassem aos continentes já conhecidos pela Igreja Católica: Ásia, África e o Novo Mundo (América). Assim, a Contra-Reforma se reorienta para (tendo como o principal objetivo) reafirmar os dogmas da igreja católica e combater o avanço do protestantismo. Sendo assim a Companhia de Jesus seria responsável de levar os dogmas e a crença, fé da igreja para as terras recém descobertas.

Os objetivos da Contra-Reforma (1545-1563) foram, a partir da difusão das idéias luteranas, de recuperar os fiéis perdidos com a cisão na Igreja e impedir o avanço do protestantismo para as terras além mar. Sendo assim o Brasil, com sua grande população nativa, abre vasto campo para este esforço. A catequese se incumbiria de formar novos católicos.

A Reforma Protestante constituiu-se em um duro golpe aos domínios da Igreja Católica que para tanto necessitava reagir, sob pena de perder cada vez mais seus adeptos. Neste sentido a Companhia de Jesus, já empenhada na conquista de novos cristãos para a igreja católica, surge e se integra no combate, como solução para conter o avanço, do protestantismo.

Sendo um dos mais importantes ícones e tendo se colocado como instituição de manutenção e difusão da cristandade na Europa, e especialmente em Portugal, a Companhia de Jesus empenhou-se na formação da cultura, intelectualidade e colonizadora da Europa Moderna. Apesar de ter sido alvo de duras críticas e vista com desconfiança, a Companhia de Jesus foi o agente mais importante da propagação da cristandade européia para as terras além mar.

1.2 - O conceito de educação e o objetivo para os padres da Contra-Reforma: O Ratio Studiorum.

O objetivo maior dos padres da Contra Reforma era reorganizar a sua estrutura interna, o que era reclamado por muitos leigos e eclesiásticos antes mesmo da Reforma. Além dessa reestruturação era de interesse da Igreja, como já fora mencionado anteriormente, conter o avanço do protestantismo que se espalhava pela Europa, impedir que o mesmo chegasse às terras além mar, conquistar novos cristãos para a Igreja e catequizar, “ensinar” aos “gentios” a cultura correta e verdadeira que era a deles. Para os padres da Contra-Reforma o conceito de educação e de fé seria aquela professada pela Igreja como única e verdadeira.

O conceito de educação para os padres da Contra Reforma fora estabelecida na Ratio Studiorum, que veremos a seguir, porém existiam dois princípios básicos quando se refere aos nativos em seu contato inicial, o ofício do ler e escrever a língua oficial – português-, em algumas situações o recito das orações em latim, e exercer a fé católica formando novos missionários ou batalhão para o “exercito” de Cristo. A concepção de educação pelos padres reformadores estava atrelada à conversão da fé indígena à fé católica através da catequese e dos ensinamentos.

No Continente Europeu, os jesuítas fundaram colégios para educar os filhos da elite que tinham se enriquecido durante o mercantilismo. A Companhia surge com objetivos diversos, porém atrelados aos interesses da Igreja e da Coroa. Quanto aos indígenas os objetivos da Ordem são catequizá-los e converte-los a fé da “Santa Igreja”. Para os filhos dos colonos a Ordem tinha como objetivos transformá-los em novos padres e os preparar para as universidades de Portugal, principalmente a mais renomada da época, que era a de Coimbra.

Na Europa várias experiências foram desenvolvidas nos colégios, analisadas e discutidas, as quais foram transformadas em documento que ficou conhecido como: “Organização e Planos de Estudos” ou Ratio atque Intitutio Studiorum. Várias regras práticas sobre pedagogia (e sua ação), organização administrativa interna dos padres e professores foram definidas neste documento e que servia para qualquer colégio da Companhia não importante em que “terra” estivesse.

O Ratio Studiorum dividiu a estrutura dos cursos, sua durabilidade, faixa etária e definiu currículos pedagógicos. As escolas ou cursos foram divididos em ensino médio e superior. Aos cursos médios eram oferecidos apenas os cursos relacionados às ciências humanas como: letras, filosofia e ciências.

Já para os cursos superiores eram oferecido teologia e ciências sagradas destinadas à formação de novos missionários. Caso os alunos desejassem após quatro anos cursando o ensino superior nas Companhias, os estudantes poderiam ingressar em uma universidade na Europa.

Isso facilitava o ingresso dos filhos dos colonos das terras além mar que tinham desejo de entrar em uma faculdade na Europa: “A colégio e a faculdade nesse tempo eram destinados a pouca gente” (PAIVA, 2003, p.43).

O Ratio Studiorum foi pensado para organizar as instituições de ensino de maneira única, visando permitir uma formação uniforme a todos que freqüentassem os colégios da Ordem Jesuítica em qualquer lugar do mundo. O interessante é que as regras eram modificadas de acordo com o contexto de suas realidades. O documento final foi publicado em 1599, com o título *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* e foi formado por trinta conjuntos de regras.

Tendo em vista seus objetivos iniciais ao vir à colônia a Igreja participa neste processo educacional a partir do momento que trata a Teologia como indispensável e a disciplina mais interessante do curso. Devido à formação que os padres da Companhia tiveram dentro de suas escolas não poderiam ser diferente. Os castigos físicos foram incorporados pelos jesuítas como ferramenta de ensino.

De acordo com análise que fizemos do Ratio, as aulas poderiam ter seus alunos divididos em dois campos, romanos e cartagineses, por exemplo, e os alunos eram dispostos, distribuídos de cada lado de acordo com a sua capacidade e merecimento, conforme a hierarquia militar.

Os alunos deveriam estar sempre atentos para não serem rebaixados, ou seja, o lado dos mais capacitados e o lado dos menos capacitados, isto era feito através de desafios que eram propostos conforme as regras do plano de estudo. Este tipo de desafio, competições ajudava a florescer outro grande braço de apoio ao desenvolvimento intelectual deste período proposto pelo documento que foram as academias.

A lição prévia, segundo a Ratio, ou preleção era um fator estimulante e que contribuiria para a disciplina dentro dos colégios e que deveria estar presente dentro de todas as classes como sugeria o documento. A lição prévia era a demonstração daquilo que seria estudado e esta servia principalmente para estimular a imaginação e não a memória, como nas outras etapas do aprendizado jesuítico. A Preleção, como também era conhecida à lição prévia, prendia a atenção e mantinha a disciplina, isto porque despertavam a curiosidade do estudante e o faziam inquietar-se intelectualmente.

Como já foi mencionado o Ratio reorganizou as instituições escolares ao criar divisões, avaliações nas disciplinas, o qual deveria ser feito pelo mestre todos os dias. Esse mestre/professor avaliaria o aluno em vários aspectos como: interesse, engajamento e o próprio desenvolvimento do aluno durante o andamento das aulas. As avaliações poderiam ser escritas à mão ou não. O mestre possuía um auxiliar para ajudá-lo nas aplicações das avaliações e também por anotar e falar sobre o desenvolvimento e dedicação de cada aluno, assim como sua evolução e desenvolvimento no decorrer de seus estudos. Esse auxiliar recebia o nome de bedel. Até mesmo o comportamento

externo, fora sala de aula, dos alunos era vistos e analisados. Ele tinha como função avisar o Superior se algum estudante não comparecesse às lições, repetições, disputas ou deixasse de cumprir algum dos deveres relativos ao estudo ou à disciplina.

Outra grande proposta pedagógica dos padres jesuítas era no que se refere à prática das virtudes, o amor das virtudes sólidas: “Fuga dos maus costumes, dos vícios, dos maus livros, das más companhias, dos espetáculos e teatros, dos juramentos, insultos, injúria, detrações, mentiras, jogos proibidos, lugares perniciosos ou interditos”. (PAIVA, 2003, p. 50).

As Ordens, neste caso a Companhia de Jesus, e seus colégios tinham como meta preparar seus estudantes para que no futuro pudessem desempenhar a função de vigilante cultural e continuadores da cultura. Esta mesma vigilância estaria relacionada ao guardar os fundamentos e ensinamentos da Igreja e da sociedade teocêntrica: “A destinação do homem e de todos os seus atos para Deus, compreensão própria de uma sociedade teocêntrica, funda a visão pedagógica”. (PAIVA, 2003, p. 49).

1.3- Novos olhares sobre a Companhia de Jesus: análise historiográfica das obras de Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Hollanda.

Na historiografia brasileira, especialmente no que concerne ao período colonial, o papel da Companhia de Jesus possui um lugar central. As novas concepções historiográficas que contribuíram para renovar as antigas surgiram a partir da década de 1930 com propostas inovadoras e dentro deste pensamento e contexto, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Serafim Leite, José Maria de Paiva, Nelson Werneck Sodré, entre outros, surgem com novas análises sobre a construção da sociedade brasileira e destacando o papel dos jesuítas na construção dessa sociedade colonial e sua relação com o meio. A ação e atuação dos “soldados” de Cristo na colônia foi além dos valores religiosos e educacionais, e neste aspecto a Ordem se tornou um elemento importante na construção e formação da sociedade colonial. Sendo assim é de suma importância resgatar a história e ação dos jesuítas no Brasil sob a ótica de leituras consideradas re-fundadoras da História do Brasil.

Autores como Hollanda e Freyre, apresentaram uma visão sobre a importância da Companhia de Jesus na construção da sociedade brasileira que são ainda orientadores da compreensão que temos sobre ela. Tanto Freyre quanto Hollanda foram às novas cabeças pensantes de como se formou a sociedade colonial brasileira analisando obras historiográficas anteriores a eles. Esses novos olhares surgiram a partir da década de 1930 e mesmo percorrendo os mesmos caminhos que Freyre, Hollanda desenvolve um caminho interpretativo contrário ao adotado por Freyre.

Para compreender a importância da Companhia de Jesus no Brasil no olhar de Gilberto Freyre tomaremos como referência para a análise sua obra *Casa Grande e Senzala*, que foi iniciada em 1930 e concluída em 1933. Em suas análises, estabelece uma relação entre as características da cultura portuguesa e a ação dos jesuítas, ressaltando a importância que a família rural e patriarcal teve na formação e construção desta sociedade colonial. Do ponto de vista da Igreja, a Ordem teve um papel importante na construção e formação desta sociedade e que sem a ação dela seria impossível a formação e consolidação do território e da sociedade colonial destacando que a mobilidade que a ação missionária jesuítica empreendeu foi um dos grandes segredos de efetivação da conquista e consolidação da sociedade colonial: “(...) foi à primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e de permanência”. (FREYRE, 2006, p. 73).

As ações dos jesuítas estavam subordinadas aos interesses jurídicos e econômicos da coroa e foram apoiadas pela Igreja, inclusive a organização de aldeamentos indígenas. Mas as Ordens, segundo Freyre, foram contrárias aos interesses dos colonos ou dos interesses patriarcais com a construção dos aldeamentos e a casa grande foi um núcleo de poder político e econômico, de modo que, sob a ótica dos colonos, os jesuítas e sua Ordem foram vencidos pela Casa Grande à medida que esta foi se tornando grande detentora de terras: “Vencido os jesuítas, o senhor do engenho (...) ficou dominando a colônia quase sozinho”. (FREYRE, 2006, p. 38).

Freyre analisa que o papel dos jesuítas contrariou e se chocou com os interesses da Igreja a partir do momento em que se enraizavam na colônia, e que seu papel foi mais como educadores do que como missionários e catequistas a serviço da Igreja. A ação dos jesuítas teria sido de caráter contraditório: de um lado, quando associados aos interesses da Coroa, agiram como agentes unificadores; de outro, no que se refere ao âmbito cultural, agiram como verdadeiros agentes destruidores de uma cultura já existente e alicerçada. Os “bons e severos soldados da Igreja” adaptaram a cultura dos nativos à teologia imposta e ensinada pela Igreja. É bom ressaltar que na visão dos colonos, segundo Freyre, os jesuítas se encarregaram de misturar, contrariar, segregar, impor e isolar os indígenas, distanciando-os, de forma premeditada, de suas culturas:

Com a segregação dos indígenas em grandes aldeias, parece-nos terem os jesuítas desenvolvidos nos seios das populações aborígenes uma das influências letais mais profundas. Era toda a vida social que se alterava nos índios. Os povos acostumados à vida dispersa e nômade se degradam quando forçados a grande concentração e a sedentarização absoluta. (FREYRE, 2006, p. 179).

Os “soldados” de Cristo atuaram tanto de forma benéfica, quanto maléfica dependendo da ótica em que se analisará a sua atuação na colônia. Mesmo sendo considerados destruidores de uma cultura, ao impor a cultura eurocêntrica, os jesuítas foram os grandes responsáveis pela construção e difusão da língua geral, o tupi-guarani. Ao direcionar suas atividades e “ensinamentos” aos

curumins, os jesuítas estavam destruindo qualquer possibilidade de transmissão de valores, crenças e cultura dos índios mais velhos para os mais novos:

O instrumento mais poderoso da intercomunicação entre as duas culturas: a do invasor e o da raça conquistada é a formação da nova língua falada. Não só de intercomunicação moral, como comercial e material. “Língua, que seria, com toda sua artificialidade, uma das bases mais sólidas da unidade do Brasil” (FREYRE, 2006, p. 219).

A dinâmica da colonização e o papel da religiosidade serão analisados na obra *Raízes do Brasil* de Sergio Buarque de Holanda, de 1936, que entende a questão jesuítica a partir de uma perspectiva mais ampla, no circuito entre o pensamento português europeu do período e suas adaptações práticas das dinâmicas da colônia. Para ele, a Companhia de Jesus foi pensada para ajudar a Igreja a conter o avanço do protestantismo, conquistar novos cristãos e consolidar a conquista do território para a Coroa. Foi nesta perspectiva que os padres da Companhia de Jesus iniciaram suas ações catequéticas: “Os mandamentos e as ordenações que elaboram esses eruditos, em verdade, criações engenhosas do espírito, destacadas do mundo e contrária a ele”. (HOLLANDA, 1995, p. 33). A ação dos jesuítas se deu a partir de uma obediência aos desígnios da Igreja e da Coroa, nenhuma instituição representou tão bem o seu papel de disciplina quanto os jesuítas:

Foram os jesuítas que representaram melhor do que ninguém, esse princípio da disciplina. Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura do proletariado ou do espírito totalitário, chegou sequer a vislumbrar a possibilidade desse prodígio da racionalização que conseguiram os padres da companhia de Jesus em suas missões. (HOLLANDA, 1995, p.39).

Os jesuítas sofreram vários obstáculos para iniciar a ação catequética na colônia, entre eles o desejo de enriquecimento fácil e a escravização dos nativos por parte dos colonos. Mesmo não desejando criar raízes na nova terra, os colonos vão ocupando espaço na colônia e moldando o modelo de sociedade encabeçada pela família patriarcal. É através desta figura que, segundo Holanda, a sociedade colonial brasileira vai ser moldada e que vai calçar a vida política e suas relações. Mesmo restringindo sua atuação aos espaços da fazenda, Freyre corrobora com a idéia de que a atuação dos jesuítas na colônia foi de extrema importância para a sua construção, enquanto Hollanda afirma que a ação dos padres foi apagada ou impedida devida os interesses dos colonos: “Durante o regime colonial a corte portuguesa e apoiou em uma estrutura *sui generis*, onde a vida econômica se alicerçou quase que totalmente no trabalho servil”. (HOLLANDA, 1995, p. 89).

Hollanda concorda com Freyre ao reforçar que os jesuítas foram os grandes responsáveis por ter criado e difundido a língua geral, o tupi-guarani, além do litoral e que isso foi um dos frutos mais importantes e marcantes da presença dos jesuítas, além das missões e aldeamentos, o qual dominou o ambiente cultural da nossa sociedade nos primeiros séculos da nossa colonização.

Freyre e Holanda concordam que os “soldados” de Cristo foram vencidos. Enquanto Freyre supõe uma restrição dos jesuítas por parte dos senhores patriarcais, Holanda sugere que a atuação dos jesuítas na colônia foi vencida, pois a influência dos mesmos aparece de uma forma fragmentada e insignificante para a construção da sociedade colonial. Na visão de ambos os autores, a construção da sociedade brasileira e sua formação independeu da continuidade da Ordem dos jesuítas.

Vale salientar que as variedades de pensamentos ou interpretações variam de acordo com os destaques e privilégios dados a cada aspecto e por cada autor da ação jesuítica no Brasil. Gilberto Freyre prioriza as questões relacionadas, além de outras, a concepção religiosa e a moralidade, suas missões e a perda das igrejas para os espaços privados e patriarcais da Casa Grande. Já Holanda enfatiza que a presença dos jesuítas, quando considerados no aspecto da construção material, foi contrária ao modelo de sociedade desejado pelos portugueses. Em comum, as duas obras terão a ação dos jesuítas sempre vista pelo lado da derrota. Derrota essa que terá conseqüências diversas e que foram analisadas de acordo com a perspectiva de cada autor, mas que em qualquer momento corresponderá a um aspecto decisivo da afirmação da sociedade colonial nacional.

2. A COMPANHIA DE JESUS: SEU MARCO INICIAL NO BRASIL COLONIAL.

Era de interesse da Igreja Católica e da Coroa Portuguesa combater o avanço do protestantismo na colônia, principalmente os protestantes franceses (hugetones) que já se encontravam instalados no Rio de Janeiro. Mesmo com o apoio da Coroa, a Companhia de Jesus chega ao Brasil com seu campo e liberdade de ação restrita pela coroa, mesmo que depois não tenham cumprido, devido a Lei do Padroado, que davam direitos apenas, ao rei de escolher bispos e o direito de construir prédios eclesiásticos. Além da cobrança de dízimos aos habitantes, tarefas as quais na Europa pertencia a Igreja e não a Coroa. É bem verdade que a aliança e apoio entre a Coroa Portuguesa e a Igreja foi um jogo de interesse por parte da Coroa, tendo em vista que a Companhia iria ajudar a consolidar a conquista das terras para a mesma e essa por sua vez poderia explorar a colônia para que pudesse pagar suas dívidas a outras nações:

A incapacidade da Coroa Portuguesa de adequar à competição com outras nações levou-a a endividar-se profundamente e obrigou-o a buscar novas soluções (...), (...) Os jesuítas tiveram duplo papel: de missionários e de colonos, transformando-se em elementos necessários no processo de expansão e da colonização. (ASSUNÇÃO, 2003, p.9-10)

A Companhia de Jesus chega ao Brasil em 1549 na esquadra que trazia o novo governador geral do Brasil, Tomé de Souza, então recém nomeado governador geral, com um total de seis padres, liderados pelo padre Manoel da Nóbrega. O padre Manuel da Nóbrega não foi somente a grande alma das missões brasileiras, mas também a maior cabeça política da colônia, o maior conselheiro do governo Mem de Sá. Porém na imaginação popular brasileira a figura que simbolizou todos os esforços e todas as glórias da evangelização do Brasil foi a de José de Anchieta.

A data precisa da chegada dos jesuítas se deu em 29 de março de 1549. Ao desembarcar no Brasil, mais precisamente na cidade de Salvador, os jesuítas estavam convictos de sua superioridade religiosa, da cultura e da sociedade européia.

A influência dos jesuítas não se restringiu apenas às esferas religiosa, cultural e educacional, mas também converter os “índios” à fé católica e re-orientar os colonos nas práticas cristãs, mas em todos os aspectos da vida na colônia.

E ultrapassou o período que por aqui passaram (1549-1759). Em todas as épocas posteriores podem-se encontrar resquícios das ações dos mesmos impregnados na cultura da sociedade que ajudaram a construir e moldar.

Os jesuítas inicialmente contaram com a ajuda da coroa portuguesa, que também tinha interesse na vinda dos padres jesuítas ao Brasil, tendo como objetivo inicial a conquista de novos católicos nas novas terras, a consolidação da política colonizadora e o combate ao avanço do protestantismo, que vinha se estabelecendo através de um núcleo no Rio de Janeiro, como os huguetones, protestantes de origem francesa. Como nos aponta Arno Wehling: “(...) Opondo-se as religiões reformadas: luteranas, calvinistas, anabatistas e suas inúmeras cisões, a ação evangelizadora da Igreja Católica se estabelece no Brasil, feita nos moldes rígidos da Contra-Reforma”. (WEHLING, 1999, p.57).

Estes conflitos, mesmo que tenham sido travado na Europa Ocidental e Central, alcançaram as colônias de além mar. Ao combaterem o avanço protestante, desbravaram os sertões, consolidando a posse do território para a coroa, fundar escolas e seminários, os jesuítas atuaram como verdadeiros “soldados de Cristo”. Faz-se necessário frisar que nenhum órgão da Igreja foi tão importante, precisa e eficaz quanto a Companhia, primeira ordem que se estabeleceu no país. Pode-se dizer que os jesuítas foram os grandes responsáveis pela campanha de reinício do povoamento a partir de 1549 e que foi viabilizada por uma política de apaziguamento entre os indígenas, mediada por Diogo Álvares Correia, mas conhecido como o Caramuru.

Para combater o avanço do protestantismo no continente e principalmente nas terras coloniais pertencentes aos países europeus os jesuítas perceberem que era necessário mais do que ensinar a palavra de deus. Os jesuítas não se fixaram em um único espaço, mas penetraram no interior, fundando colégios para a conversão dos gentios, estudando suas línguas e contribuindo para consolidar sua visão de vida e de religião: “Eram, certamente, intolerantes, como intolerante era o século em que viviam”. (WEHLING, 1999, p.83).

Mesmo se chocando posteriormente com a posição e ação dos colonizadores, a presença dos padres missionários contribuiu para que os colonos recém chegados de Portugal fossem tolerados e bem recebidos à medida que se apresentavam como visitantes temporários. Outra grande preocupação dos reformadores (ao cria a Companhia de Jesus) era com os amancebamentos ilícitos que ocorria na colônia. Esse “catolicismo” educativo-social marcou a sociedade brasileira em todos os seus aspectos. Para combater esse amancebamento entre portugueses e nativos, padre Manoel da Nóbrega escreve ao rei de Portugal pedindo mulheres e até meretrizes para evitar pecados e se aumentar à população no serviço de Deus: “Parece-me coisa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá tem pouco remédio de casamento a estas partes (...) de maneira que logo as mulheres teriam remédio de vida e estes homens remediariam suas almas e facilmente se povoaria a terra.”. (Nóbrega, 1549 – por MESGRAVIS, 1985, p. 54.)

2.1 - A Companhia de Jesus: os “soldados” de Cristo e sua atuação inicial na educação da colônia.

Apesar de várias barreiras e dificuldades encontradas pelos jesuítas ao chegarem à colônia, nada foi mais difícil do que “combater” os costumes dos nativos como nudez, migrações sazonais, e os rituais antropofágicos. Porém a barreira mais difícil e terrível encontrada pelos ‘soldados’ de Cristo foi à língua falada pelos nativos.

Ao chegarem ao Brasil e se depararem com uma nova visão de educação e comportamento exercida pelos nativos, Nóbrega, em 1550 exprimira a dúvida quanto à absolvição dos valores cristãos e padrões educacionais, segundo os valores europeus, por parte dos nativos, afirmando que: “talvez por medo se convertessem os brasis mais rapidamente do que por amor”.

Nessa fase inicial de “re-colonização”, mediante as ações dos jesuítas, a catequese ocorria por contato e convencimento. A forma tradicional, e não deixa de ser cômico ao se tentar imaginar, de como ocorria essa aproximação era por meio de mímicas, saudações chorosas, presentes e discursos – estes incompreensivos tendo em vista que um não entendia o que o outro falava.

Diante de tantas dificuldades para por em prática o projeto educacional jesuítico, os padres perceberam que era necessário inverter as prioridades que foram impostas pela Igreja: antes de ensinar a doutrina era necessário transformar ou suprimir a cultura dos nativos. Sendo assim por iniciativa de Nóbrega, e com apoio da coroa, os jesuítas passaram a alterar suas práticas e começaram a construir aldeamentos para os “gentios” adultos e recolher as crianças, dando início às missões em 1552. Ao inverter as prioridades da Igreja, e pensando que o primordial seria suprimir a cultura dos nativos, a construção dos aldeamentos, proposta pelos jesuítas, alcançou seus objetivos à medida que dentro desses espaços os padres jesuítas tiveram liberdade para persuadir mudanças de hábitos, transformações, ou até mesmo sugerindo uma transformação nos costumes dos indígenas.

A proposta de Nóbrega ao estabelecer os aldeamentos com as missões de catequese era de que nesses espaços fossem criados programas de atividades que incluíam o aprendizado oral da “língua culta” e “oficial”, o português, os ofícios de contar e cantar, de tocar flautas e outros instrumentos musicais, da doutrina e do catecismo. Depois viria o aprendizado das práticas ascéticas como: ler e escrever o português, a gramática latina, o aprendizado das atividades e ensino profissional artesanal e agrícola.

É importante ressaltar que a ação dos jesuítas na área educacional foi polivalente. Além de atuarem no campo da leitura e da escrita era de interesse dos jesuítas ensinarem uma profissão aos “gentios”. Com um olhar abrangente sobre suas práticas e contribuições no campo educacional para

o desenvolvimento da colônia e formação de sua sociedade, os jesuítas não se restringiram a fazerem somente o que tinha sido proposto inicialmente pela Igreja e pela Coroa.

As primeiras escolas foram fundadas com o objetivo de ensinar os filhos dos índios, os curumins, e os filhos dos colonos as primeiras letras.

Mesmo utilizando um espaço em comum para o processo educacional inicial na colônia - pois os filhos dos colonos e os curumins dividiam o mesmo espaço – os jesuítas direcionavam de forma diferente os ensinamentos educacionais para os dois públicos. Enquanto os curumins tinham uma educação voltada para o aprendizado do ler e escrever o português, aulas de artesanato, canto e atividades agrícolas, os filhos dos colonos tinham ensinamentos mais amplos e uma educação mais reservada visando à formação de novos missionários, que tinham como objetivos preparar esses jovens para ingressarem nas faculdades de Coimbra: “O colégio era o grande objetivo, por que com ele preparariam os novos missionários”. (PAIVA, 2003, p. 43).

Inicialmente os colégios foram pensados pelos jesuítas para abrigar os “gentios” – “estes colégios hão de ser para os filhos dos “gentios “-, porém a visão, o foco da educação foi mudado a partir de 1551 e assim dirigido, também, aos cristãos”: “Estes colégios serão bom para recolher os filhos dos” gentios “e cristãos, para os ensinarem e doutrinar”. (NOBREGA, 1551 – por PAIVA, 2003, p. 43).

A catequese se incumbira de formar esses novos cristãos, novos católicos. Empenhados em propagar a fé católica e na “salvação” dos “gentios”, os jesuítas fundaram colégios simultaneamente em Salvador, Meninos de Jesus, e em São Paulo, antiga Vila de Piratininga, que a partir de então passa a ser chamada pelo nome composto de São Paulo de Piratininga. No início essas instalações eram precárias, além de serem consideradas institucionais para os índios, essas instalações eram acima de tudo locais de refugio e proteção contra os ataques dos colonos: “Ataques e defesa caracterizava o estado de vidência em que se vivia (...). (...) matar trezentos, quinhentos, seiscentos ou mil e seiscentos índios pouco importava. O que importava era o sossego para fazer suas fazendas”. (PAIVA, 2003, p. 46).

Ainda no campo educacional os jesuítas empregaram práticas embasadas em idéias medievais como castigos corporais que foram inseridos e praticados dentro desses colégios com o princípio de que: “com sangue a letra entra”. Ainda com relação aos estudantes, os jesuítas adotavam um comportamento rígido e as punições variavam de acordo com a idade de cada aluno: “Os menores podiam ser punidos com açoites, os médios com palmatórias, e os maiores eram apenas repreendidos, primeiro em particular e posteriormente em público”. (ASSUNÇÃO, 2003, p. 25).

Ainda segundo Assunção essas práticas de castigo tinha como objetivo evitar que os curumins continuassem a cultivar os costumes dos seus pais. Nos colégios os alunos também aprendiam latim e faziam as orações nessa língua, segundo os ensinamentos da Igreja. Havia

também as avaliações nos fins de semana, que servia para avaliar a evolução do processo ensino e aprendizagem, as quais eram chamadas de sabatinas, por serem realizadas aos sábados. Mesmo parecendo irracional para os padrões e aceitação atual é bom salientar que a Companhia de Jesus era o único veículo de trabalho e propagação intelectual na colônia. Ao iniciar o processo educacional pelas crianças, os jesuítas achavam que seria mais fácil alcançar os pais e os mais velhos. As crianças indígenas eram vistas pelos jesuítas ora como diabo ora como anjos e por isso deveria iniciar o trabalho educacional na colônia a partir deles. Os jesuítas também absorveram costumes relacionados à cultura indígena e conservaram dentro de suas próprias ações: “Os jesuítas conservaram danças indígenas dos meninos e fazendo entrar neles a figura cômica do diabo”. (FREYRE, 2006, p. 200).

Como já foi mencionado anteriormente e endossado por Freyre em Casa Grande e Senzala, os curumins, filhos dos índios, viviam naturalmente dividindo o mesmo espaço educacional com os filhos dos colonos reforçando a idéia de hibridação entre as duas culturas. O rigor da educação jesuíta atingiu tanto os aspectos internos da vida dos nativos, quanto no aspecto externo. Os meninos indígenas, ao alcançarem a puberdade, eram obrigados a passarem pelos mesmos rituais sacerdotais e educacionais que passavam os meninos brancos na Europa: “A meninice não deixava de seguir uma espécie de liturgia ou ritual. Ao atingir a puberdade cortavam-lhe os cabelos no estilo que Frei Vicente de Salvador descreve como cabelo de frade; também a menina cortava-se o cabelo a homem”. (FREYRE, 2006, p. 207).

Sem dúvida nenhuma a Ordem como matriz do catolicismo foi de grande importância e fundamental na construção da sociedade colonial, mesmo que essas tenham uma característica híbrida. Mesmo com todos os esforços para transformar os padrões culturais da colônia, os jesuítas pouco conseguiram transformar a essência da cultura indígena que estava enraizada no interior de cada curumim: “Os curumins já eram ensinados pelos missionários, mas não havia perdido a sombra das roupetas jesuítas, toda a sua alegria de selvagem”. (FREYRE, 2006, p. 209).

Sem dúvida foi graças ao menino índio que a Ordem dos “santos” padres encontrou abertura para processar a cristianização dos selvagens na colônia e foi através do contato com os mesmos que os jesuítas deram sua grande contribuição para a construção e aproximação das duas culturas, que foi a construção da língua geral: “Essa cristianização processou-se através do menino índio, do curumim, de quem foi grande o valor na formação social de um Brasil diverso e múltiplo de cultura portuguesa e africana”. (FREYRE, 2006, p. 219).

2.2- Novas terras: as dificuldades encontradas pelos “soldados” de Cristo.

Além de atuarem no aspecto comportamental dos índios, os jesuítas tinham outra grande barreira pela frente: persuadir os portugueses que viviam na colônia a voltarem seus pensamentos e propósitos da coroa portuguesa, que era dominar a terra descoberta. Porém muitos portugueses preferiram continuar vivendo nas aldeias com suas mulheres e filhos indígenas, andando nus e pintados, usando arcos e flechas, lutando em suas guerras e até participando de festins antropofágicos. O curioso é que as mulheres também se encontravam nesta situação, e teriam resistido aos convites para voltarem ao convívio dos brancos. Sendo assim, os jesuítas, visando aumentar o número de cristãos na colônia, se encarregaram de uma forma particular de integrar estes mestiços na sociedade colonial. Desta forma os jesuítas atuaram de forma persuasiva no sentido de reduzir ao conformismo esses elementos destoantes, impondo o triunfo dos valores europeus e com eles os seus interesses. Sobre isso Nóbrega sintetiza esse pensamento:

Aos gentios que se comam e se travem uns aos outros, e nisto tem mais esperança que em Deus vivo, e nisso dizem consistir o bem e a segurança da terra (...), (...) louvam e aprovam ao gentio o comerem-se uns aos outros, e já se achou cristão a mastigar carne humana para darem com isso bom exemplo aos gentios”. (MESGRAVIS, 1989, p.51).

Comparando as atividades dos colonos e da Coroa, a ação dos jesuítas teve um caráter destruidor, pois lhes coube a função de agentes de assimilação dos índios a civilização cristã, ou seja, os “santos” padres foram os responsáveis por conduzir a política de “destribalização” entre os indígenas.

As ações e obras da Companhia de Jesus compreenderam dois setores principais: o das missões, pela fundação das aldeias indígenas e na educação, pelo estabelecimento dos colégios, que constituíram toda a base da cultura colonial.

Sobre a educação comportamental dos nativos, quanto ao andarem desnudos os jesuítas parecem ter encorajado o uso das roupas, especialmente para as mulheres, nas igrejas durante a confissão ou quando iam à cidade. Quando o primeiro bispo chegou ao Brasil, (o mesmo) exigiu que os índios usassem roupas e sobre essa imposição Nóbrega comenta com certa crítica a tal imposição e defesa aos nativos: “Os nativos não usam roupas, por que não as tem e não por que fossem contrários”. (MESGRAVIS, 1989, p.31-32). Os jesuítas revelaram suas habilidades ao aceitar aspectos externos da cultura local e aos poucos conseguiram transmitir e fazer absorver, pelos indígenas, as mensagens que aos poucos acabou determinando a destruição dos valores e cultura destes povos.

Desde o primeiro exame das condições dos indígenas, a questão antropofágica sempre foi um problema sério para a catequese. Além do tempo e dos costumes, outra grande barreira enfrentada pelos jesuítas quanto ao processo inicial da implantação da ação e educação catequética foi à língua considerada uma barreira terrível. Alguns jesuítas viveram e morreram no Brasil sem jamais terem aprendido o tupi-guarani. Os sacerdotes se comunicavam com dificuldade, até mesmo com a própria sociedade colonial profundamente tupinizada.

Outra das grandes dificuldades para a catequese era o costume indígena de mudar o local de suas aldeias a cada três ou quatro anos, questão da mobilidade e migração sazonal, à medida que esgotavam os recursos da caça, da pesca, da coleta e cansavam-se do solo. Quando os jesuítas voltavam às aldeias, elas já estavam vazias. Tanto para os jesuítas que perdiam seus catecúmenos, quanto para os colonos que perdiam sua mão-de-obra, esse afastamento era desinteressante. Para conter as migrações sazonais e a escassez de mão de obra, os jesuítas apelaram para o poder coercitivo dos governadores para criar os aldeamentos. Ao serem criados esses aldeamentos, os jesuítas procuraram minar a autoridade dos chefes e dos mais velhos responsáveis por guardar os costumes e as tradições indígenas. Eles, os jesuítas, concentraram seus esforços em destruir a influência conservatista dos pajés e dos velhos ou das instituições nucleares como o xamanismo, antropofagia e poligamia, entre outras. Era necessário combater a permanência dos costumes indígenas, tidos como costumes bárbaros e que não condiziam com os hábitos e “valores” europeus que para eles era a verdade absoluta e imutável.

Em alguns momentos os jesuítas achavam quase que impossível modificar os hábitos indígenas, os quais batiam de frente aos objetivos catequéticos.

Os jesuítas conseguiram conquistar indígenas, em especial os meninos, com ensinamentos sobre a religião cristã, a leitura, a escrita, o contar, o cantar, o tocar e algum ofício manual, tratando-os com grande carinho, o que agradava aos pais. Sendo assim os pequenos índios eram colocados em um patamar superior ao dos seus pais, que juntos deles serviam de interpretes para os jesuítas e para os colonos. Os jesuítas assumiram um papel tanto na área educacional, no que se refere aos indígenas, quanto na área social no que se refere aos colonos. A grande luta dos jesuítas foi contra o tempo. Os jesuítas precisavam combater a ganância dos colonos que apenas viam os índios como mão-de-obra a ser explorada e suas mulheres como objetos de uso sexual.

2.3 – Interesses, escolas e ações: a formação da sociedade colonial mediante a ação educacional.

Além dos interesses eclesiásticos e com a propagação e a reafirmação dos dogmas em novas terras, Igreja Católica, também, assumiu um papel importante na consolidação da colonização do Brasil através da Companhia de Jesus. Com o espírito da Contra-Reforma os padres da Companhia de Jesus e também franciscanos, carmelitas e mercedários rompem o sertão e se estabelecem em pontos longínquos do território. E é com esse pensamento Contra-Reformista que os padres José de Anchieta e Manuel da Nóbrega a pretexto de converter os aborígenes, iam impondo a fé, enquanto o “império” se estabelecia.

Passaram a impor costumes europeus na vida cotidiana dos novos cristãos, os quais eram tidos como sem almas e sem maledicência, e sendo assim se tornava mais fácil mudar seus costumes e hábitos. Dentro desse espírito, o jesuíta, padre Manuel da Nóbrega chegou a dizer que: “eles, os índios, são como papel em branco onde se poderia escrever tudo”.

Os jesuítas perceberam que era necessário atuar em todas as áreas da vida social da colônia e não apenas no lado espiritual e intelectual. As ações dos jesuítas influenciaram nos aspectos políticos, econômicos, dos costumes e comportamentos.

Quando se fala no papel dos jesuítas como construtores e propagadores da educação na colônia, é importante não restringir o termo educação a algo voltado e direcionado apenas ao lado intelectual, mas utilizar este termo de uma forma mais abrangente, atingindo assim várias esferas e aspectos, principalmente no aspecto comportamental dos nativos e colonos.

Relacionando sua atuação com o objetivo da coroa portuguesa, a catequese foi um elemento fundamental para a viabilização da exploração e povoamento da colônia.

Chegando ao Brasil, os jesuítas imediatamente se puseram a percorrer várias aldeias indígenas circunvizinhas de Salvador, até então capital do Brasil, se apropriaram de táticas de aproximação que aprenderam com os colonos mais antigos que já estavam acostumados. No início alguns padres jesuítas se aproximaram dos indígenas com auxílio de interpretes, cantando e dançando hinos religiosos. Mesmo assim enfrentaram algumas dificuldades entre elas: as constantes mudanças das aldeias e dos hábitos de viver dos indígenas. A integralização dos mestiços na sociedade colonial foi um dos grandes objetivos da Companhia de Jesus. Tanto para consolidar a colonização portuguesa quanto para a formação da sociedade colonial, a Companhia de Jesus constituiu-se num recurso importante e a fundação dos colégios constitui a base de toda a cultura colonial. A educação colonial e sua formação não seriam possíveis sem a ação dos padres: “Quanto ao sistema educacional estabelecido pela Companhia de Jesus, representou tudo o que havia de realmente estruturado na fase colonial”. (HOLLANDA, 2004 a, p. 71).

O papel da Companhia de Jesus não se restringiu como já foi comentado, apenas na área educacional, mas foi indispensável para a consolidação do poderio da Coroa quando adentraram para o interior. A conquista dos Estados que compõem a atual Região Norte do Brasil se deu graças a Ordem e expedições dos missionários jesuítas: “O Vale do Amazonas foi percorrido e evangelizado pela Companhia de modo surpreendente. Os autores menos simpáticos à Igreja são forçados a conceder que a ela se deve, em grande parte, a incorporação da Amazonas ao Brasil”. (HOLLANDA, 2004 a, p.71).

Ao defender suas posições e os seus fins, os jesuítas várias vezes se chocaram com os colonizadores. Sendo assim não podemos apresentar a Companhia apenas como uma extensão da Igreja e do Estado, muito menos como acobertadores dos interesses privados, mas se apresentam como uma organização que tinha seus próprios fins, os quais nem sempre eram compatíveis com os dos demais. Sem dúvida a catequese foi um elemento fundamental para viabilizar o povoamento e exploração da colônia.

Mesmo tendo sido o fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola aparece apenas como um personagem secundário quando comparado com os trabalhos exercidos por Manuel da Nóbrega e José de Anchieta que viveram na mesma época que Loyola e que tiveram um papel importante a partir dos primeiros governos gerais “impondo” suas literaturas religiosas e pedagógicas que predominaram no início da colonização: “Os padres José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, a pretexto de converter os aborígenes, iam impondo a fé, enquanto o império se estabelecia”. (ALENCAR, 1994, p. 46).

Os jesuítas exerceram a função de braço da Igreja, mas que estavam a serviço da Coroa. A Companhia de Jesus com seus padres desbravaram o sertão em busca de índios, da consolidação da conquista territorial e da “desconstrução” da cultura indígena. Ao se tornarem os agentes de assimilação da cultura europeia e da civilização cristã, os jesuítas foram considerados por alguns colonos como agentes de um teor destrutivo, comparado ao das atividades dos colonos. Iniciando o processo “civilizatório” e da cristianização, os jesuítas ajudaram a construir e moldar a sociedade colonial brasileira. Impuseram, segundo Hollanda, uma política de distribalização.

Mesmo tendo suas ações contidas pelos interesses dos colonos, para alguns historiadores como é o caso de Freyre, é importante ressaltar que graças aos jesuítas foi possível implantar e iniciar o processo de educação no Brasil Colônia.

Como já mencionado anteriormente os jesuítas atuaram em vários aspectos da sociedade. Os padres jesuítas foram os responsáveis em introduzir os mestiços à sociedade colonial, ensinar a fé católica cristã e defender os índios da escravização, além de atingir de uma forma rápida e ampla todo o território brasileiro. Ressaltando o que já comentado anteriormente foi graças à ação dos

missionários jesuítas e de suas expedições que o território brasileiro foi ampliado além das fronteiras estabelecidas entre Portugal e Espanha através do Tratado de Tordesilhas assinado em 1494, juntamente com as expedições bandeirantes e a pecuária.

Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, nos apresenta a Companhia de Jesus de uma forma dúbia. Se para ele a Companhia foi tragada pelas fazendas e pelos engenhos, por outro lado seria impossível pensar na história social do Brasil Colônia sem a ação dos jesuítas: “Sem os jesuítas a nossa história colonial não seria outra coisa senão uma cadeia de atrocidades sem nome de massacres como os das revoluções”. (FREYRE, 2006, p. 219).

Seja no aspecto educacional, social ou religioso é impossível pensar a sociedade colonial sem a presença dos jesuítas. Apresentaremos uma síntese de suas ações nesses três campos (aspectos). No campo social, como já foram apresentados, os jesuítas se empenhou de uma forma bem particular em contar e integrar os mestiços à sociedade. Os padres da Ordem tentaram acabar com os amancebamentos ilícitos entre os brancos europeus e os índios.

É importante mencionar que os brancos pobres alguns casos, casavam-se com os índios, daí o grande número de mestiços os quais deveria ser incorporados na sociedade. Já os brancos ricos apenas furtavam, pois além de serem casados tinham o interesse de voltar para Portugal. Outra grande tarefa dos jesuítas no aspecto social era acabar com as migrações sazonais e criar um hábito sedentário nos nativos. Isto aconteceu a partir do momento em que foram criados os aldeamentos e as missões. E é dentro destes espaços que os jesuítas vão atuar em duas direções: minar a autoridade dos chefes e dos mais velhos e dificultar o uso da mão-de-obra escrava indígena por parte dos colonos.

Para Freyre, o interesse dos jesuítas não era apenas defender os índios da escravização, mas também utilizá-los como mão-de-obra para seu próprio benefício e enriquecimento. Os aldeamentos foram criados para fins mercantis, tendo em vista que a Igreja precisava recuperar o que tinha perdido após a Reforma Protestante. Esses índios foram utilizados nas indústrias do açúcar, do cacau e das chamadas drogas do sertão (mate e baunilha).

Sendo assim podemos perceber que os jesuítas, também, tiveram interesses próprios e mercantilistas que dominavam o pensamento europeu durante todo o século XVI e XVII. Ao limitar a permanência dos índios dentro dos espaços dos aldeamentos e das missões e introduzi-los num trabalho para benefício da Ordem, os jesuítas não deixaram, assim como os colonos, de empregar um sistema de escravidão e servidão, mesmo que esta não tenha sido de uma forma declarada como a dos colonos: “os padres teriam se deixado escorregar para as delícias do escravagismo, ao mesmo tempo em que para os prazeres do comércio”. (FREYRE, 2006, p. 225.)

Ao afirmar que: “o açúcar matou o índio, para livrar o indígena da tirania do engenho, é que os missionários os segregaram em aldeias”, Freyre (2006, p. 225) nos mostra que os aldeamentos foram necessários para livrar os índios da escravização por parte dos colonos, mas não os livraram da servidão jesuítas.

No aspecto religioso os jesuítas se preocuparam na cristianização dos “sem almas”. O desejo dos padres acima de tudo era conquistar novos fiéis para a Igreja antes que o protestantismo chegasse às terras do Novo Mundo. Ao chegarem às colônias européias, aí incluindo o Brasil, os padres jesuítas viram os índios como criaturas bestializadas e que sendo assim não pertenciam à espécie humana, era necessário ensinar uma crença, uma fé, sendo assim a fé cristã é a que vale.

Ainda no aspecto religioso a Companhia tinha como objetivo formar novos “soldados” para promoverem a evangelização pela colônia, ensinando uma religião e através dela transmitir a cultura européia no meio dos nativos. É certo que muitos nativos absorveram os ensinamentos jesuíticos e a cultura européia tomando para si a responsabilidade de propagar essa crença e muitas vezes deixando de lado seus costumes e famílias: “Muitos dos indígenas cristianizados deram para ganhar o mato, sem se lembrarem das mulheres e filhos que deixaram” (FREYRE, 2006, p. 225).

Alguns aspectos europeus, de acordo com a crença religiosa da Igreja católica quanto ao papel inferior da mulher na sociedade, foram transmitidos aos índios pelos jesuítas. Esses índios foram ensinados que os homens eram seres superiores, pois foram criados primeiramente por Deus e que foi através da mulher que o pecado entrou no mundo. Assim as mulheres eram consideradas como restos. (FREYRE, 2006, p. 207).

O estilo dos padres, os modos de se vestirem, de cortarem os cabelos e dos castigos corporais, também foram ensinados e facilmente absorvidos pelos índios. Ao colocar a mulher indígena em uma posição inferior aos homens, pensamento que antes não existia dentro dos costumes indígenas, a Companhia inseria nos pensamentos dos homens índios a importância de uma aproximação fraterna entre os mesmos e entre os brancos criando assim, segundo Freyre (2006, p. 207), um ambiente propício ao homossexualismo.

No aspecto ou campo educacional o objetivo da Companhia era de formar escolas na colônia, ensinar a cultura européia e orientar os estudantes a desempenharem, no futuro, o papel de vigilante cultural. Os jesuítas perceberam que antes de ensinar a doutrina e ensinar a cultura européia aos índios, primeiro era necessário suprimir a cultura e os valores indígenas, e isto aconteceu dentro dos aldeamentos. De início a proposta de Nóbrega era apresentar um programa de estudos que se iniciasse com atividades orais do português, do contar, do cantar, do tocar e do catecismo. Nóbrega classificou o estudo das línguas indígenas no século XVI em dois grupos ou povos: “língua geral”, os tupis e os de línguas travadas”, os tapuias - os não tupis ou jês como ficaram conhecidos posteriormente.

Para iniciar o processo pedagógico nas futuras escolas jesuíticas foi criado um método pedagógico (documento de orientação), o Ratio Studiorum. O Ratio Studiorum valorizava o uso da gramática como uma ferramenta culta de expressão e memorização e que ela era indispensável para iniciar o processo de aprendizagem na colônia. Para alguns interpretes é possível encontrar marcas da educação jesuítica dentro da literatura colonial brasileira. Sem dúvida a educação foi, em sua maioria, obra dos jesuítas, os quais criaram vários colégios, mas é importante ressaltar que existiam dois propósitos na fundação desses colégios: de um lado o propósito missionário do outro uma política colonizadora iniciada por D. João III.

Foi Nóbrega que fundou e organizou a primeira escola no Brasil. O interessante é que as primeiras escolas foram criadas para receberem jovens vindos da Europa- a primeira pela escola foi formada por 7 jovens em 1550-, jovens esses desenganados pela sociedade e que para a Coroa e para a sociedade seria mais fácil mandá-los para serem reeducados na fé cristã nas terras além mar. Pensamento estes que desagradavam os colonos locais, pois enquanto a metrópole se livrava de seus “delinqüentes”, a colônia se tornava um lugar de “patifes”: “Foram enviados moços perdidos, ladrões e maus, que aqui chamamos de patifes, que assegurou ao estabelecimento recém fundado maior força de penetração à obra catequética”. (HOLLANDA, 2004 b, p. 138).

Para os jesuítas foi muito difícil iniciar o processo educacional com esses jovens, pois ao chegarem à colônia muitos desses jovens assediavam as índias se afastando do propósito inicial. Os espaços não serviam como escolas, mas, também, como dormitórios, refeitórios, enfermarias, cozinhas e dispensas. O estudo da gramática iniciou-se a partir da aproximação dos interpretes, essa aproximação contribuiu para a formação da língua geral e que foi incorporada no uso diário da sociedade colonial que foi o tupi guarani.

Essa aproximação entre as duas culturas e conseqüentemente a formação da língua geral se deu graças a um personagem importante que foi o menino índio. Sem ele a cristianização dos gentios seria impossível. Os jesuítas esperavam que esses meninos conseguissem converter os seus pais a fé cristã e absorvessem a “verdadeira” cultura, que foram trazidos pelos padres da Ordem. Os jesuítas perceberam que para conciliar a formação cultural, educacional e religiosa dos catequizando era necessário que o espaço destinado à construção das escolas estivesse próximo ou anexado aos espaços eclesiásticos, ou seja, das igrejas. Em 1567 é construído o primeiro edifício escolar anexado a Igreja de São Sebastião e que foi inaugurada apenas em 1573, a qual teve como o seu primeiro professor ou “mestre-escola” – com eram chamados- o padre Custódio Pires. Para garantir a continuidade da obra escolar jesuítica, Nóbrega percebeu que era necessário desenvolver uma política de posse de terras junto a Coroa.

Mesmo contrariando os colonos a Coroa beneficia a Ordem com terras para que desenvolvessem seus trabalhos e construíssem as escolas, porém limitou o uso das terras a não serem usadas em benefício e enriquecimento da Ordem. A posse de terras – nisso se entenda apenas o uso dela- era dada as instituições educacionais e não a Igreja: “Nenhuma Igreja ou casa da Companhia, a não serem os colégios de noviciados, e este mesmo para o sustento dos escolares, poderia ter renda própria e posses”. (HOLLANDA, 2004 b, p. 140).

As casas da Companhia de Jesus (escolas) eram mantidas pelo auxílio da Coroa, as quais cresceram e se multiplicaram. Esses colégios eram gratuitos e públicos. Para a Coroa os colégios de Coimbra eram vistos de forma diferente dos colégios ultramarinos. Enquanto o primeiro a Coroa dava aos mestres como casa de ensino (colégios), para o segundo a coroa dava o título de missões.

Os professores de Portugal poderiam lecionar a todos que quisessem, enquanto nas colônias os jesuítas só podiam ensinar para a formação do sacerdócio.

3. O FIM DA COMPANIA DE JESUS E SEU RETORNO NO SÉCULO XIX.

A Companhia de Jesus passou por várias dificuldades, como já foi apresentada anteriormente, para iniciar o processo de educação na colônia do Brasil. No seu momento de idealização inicial a Ordem recebeu apoio tanto da Igreja (âmbito eclesiástico) quanto da Coroa Portuguesa (âmbito político e econômico). Ao chegarem à colônia os interesses da Ordem e da Igreja se chocaram com os interesses dos colonos e dos seus interesses econômicos e escravistas da época. A Coroa pressionada pelos interesses dos colonos e percebendo o crescimento da Ordem e sua influência sobre os nativos “retira” o apoio inicial que tinha dado e financiado aos padres da Igreja. Foi a ação dos padres que contribuiu para modelar a sociedade colonial a qual vinha se construindo e buscando sua identidade diante das multiplicidades de etnias que se encontravam na colônia. Mesmo sendo os grandes responsáveis pela construção comportamental, lingüística e educacional da sociedade colonial os padres tiveram suas ações suprimidas pela Coroa Portuguesa através das Reformas Pombalinas. Após a expulsão dos padres a educação na colônia passou por momentos de transformações. A maneira de pensar educação foi mudada quando comparada com a proposta inicial dos padres da Ordem. Depois de um Período de estagnação educacional, 1759 a 1834, A Ordem retorna a atuar no Brasil em um contexto histórico diferente, durante o Segundo Império, onde novas maneiras de se pensar educação surgiam. Algumas propostas de educação, - semelhante a do período inicial do surgimento da Ordem em 1534 – permaneciam, porém em sua maioria as propostas para a educação sofreram mudanças e nova maneira de se fazer educação vai ser implantada e oferecida durante o Segundo Império quando se der o retorno da Ordem.

Apesar do curto período após o seu retorno a Ordem dos padres jesuítas atuou de forma significativa no campo educacional da antiga colônia, agora império. Transformações ocorreram na estrutura educacional e curricular quando comparada com a forma de fazer educação que ficou após a primeira expulsão e fim da Ordem em 1759.

Abordaremos os motivos que contribuíram para o fim da Ordem em 1759 através das Reformas Pombalinas. Como ficou a educação na colônia do Brasil após a expulsão da Ordem e como ela retornou no século XIX apresentando como foi feito a educação pela Ordem neste período assim como as mudanças e permanências das propostas educacionais dos padres jesuítas quando comparados os dois períodos: Colonial e Segundo Império.

3.1 - O fim da Companhia de Jesus e as Reforma Pombalinas.

Ao colocar em prática seus objetivos - social, educacional e eclesiástico- a Companhia de Jesus conseguiu se fixar na colônia consolidando seu “poder” dentro da sociedade colonial. Mesmo sabendo que os interesses da Igreja, ao enviar a Ordem para a colônia, estavam atrelados aos interesses da Coroa, os jesuítas desembarcaram no Brasil com o interesse e desejo sincero de levar – pelo convencimento – os brasis ao cristianismo. Por serem os representantes- numa época em que ainda o que predominava eram os pensamentos impostos pela Igreja- dos valores da cultura européia, os jesuítas foram perseguidos e confrontados pelos fazendeiros quando esses tiveram seus interesses perturbados. Ao introduzir seus princípios religiosos, os jesuítas foram demonstrando os seus interesses econômicos. Tudo que era produzido dentro dos aldeamentos era dividido entre os “gentios” e o excesso do que era produzido crescia com o estímulo dos sacerdotes e em função de seus interesses. A mercadoria excedida pelos aldeamentos era comercializado de forma lucrativa com o “mundo civilizado”, Europa.

A proibição da escravidão indígena conquistada pelos padres da Ordem provocou uma insatisfação nos colonos que se utilizavam desta mão-de-obra na exploração da terra. Os colonos não entendiam o porquê da proibição ao uso da mão-de-obra escrava indígena se os próprios jesuítas utilizavam-se livremente da mesma. Os colonos acreditavam que os jesuítas com suas missões e aldeamentos eram prejudiciais e um forte concorrente aos seus interesses exploratórios e econômicos. Devido às características dos índios no período pré-colonial (1501-1530) – “preguiçosos”, não dados ao trabalho, fracos, fujões – era de suma importância para os colonos a posse de índios que praticassem a agricultura e ainda assumissem valores da religião católica.

Além da disputa entre jesuítas e colonos pelo uso ou não da mão-de-obra escrava indígena, outros fatores contribuíram para que a presença dos padres da Ordem se tornasse uma ameaça aos interesses da coroa e dos colonos.

Um dos fatores foi o fato dos jesuítas não concordarem com a assinatura do Tratado de Madri em 1750 entre Portugal e Espanha, o qual determinava o delineamento das possessões de terras platinas entre os dois países. Esse delineamento determinava que a Colônia do Santíssimo Sacramento (atual Uruguai) deveria pertencer à Espanha, enquanto a Província dos Sete Povos (atual Rio Grande do Sul) deveria pertencer a Portugal, ambas com missões jesuíticas em seu território. Os jesuítas pediram aos monarcas que o Tratado não fosse assinado e executado. Os nativos destes aldeamentos se revoltaram, protestaram e se recusaram a sair das terras demarcadas dando origem as Guerras Guaraníticas. Esse comportamento foi visto pela Coroa Portuguesa como uma forte oposição e desobediência, e que os missionários jesuítas estavam querendo interferir em questões do governo de realizar práticas comerciais.

Em 1756 foi criado e determinado pela Coroa uma publicação- Directório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão- que determinava que os jesuítas não tivessem autonomia para cuidar das coisas materiais das aldeias indígenas e que isto era dever da Coroa. Por último e para piorar a situação da Ordem na colônia foi atribuído aos padres jesuítas em Portugal o atentado contra o monarca D. José I em 1758. O ministro Sebastião José de Carvalho, Marques de Pombal, determinou investigações para descobrir os autores do atentado. Dentre os suspeitos foi encontrado o padre jesuíta Gabriel Malagrida.

Além do atentado atribuído aos jesuítas pela não aceitação do Tratado de Madri, o crescimento da Ordem provocou uma ação imediata por parte da Coroa. O poder das Ordens religiosas no Brasil entre 1550 e 1750 cresceu tanto que o Marques de Pombal, pressionado pelos interesses dos colonos e da Coroa, tomou a iniciativa, a mando de D. José I, de expulsar os jesuítas, tanto da metrópole, quanto de suas colônias, entre elas o Brasil. Essa medida se deu em 1759 e alegação para o fim da Companhia de Jesus no Brasil, além das que já foram mencionadas, é de que a Companhia de Jesus tinha se transformado em um verdadeiro “Estado dentro do Estado” e que isso era uma ameaça aos interesses da Coroa. A união que durava mais de dois séculos entre a Coroa e a Igreja, e que antes da ação educativa dos missionários era vista como meio de submissão e domínio político, agora era vista como elemento de descompasso entre o governo português e o resto da Europa.

Pombal criou medidas políticas protecionistas para encorajar e estimular o comércio português.

A presença dos jesuítas e suas missões eram uma verdadeira barreira para a implantação de uma modernização comercial e econômica para a colônia. É bom ressaltar que não foi apenas a política pombalina que contribuiu para o fim da Companhia de Jesus e para a manutenção da Ordem na colônia. A existência de invejas e rivalidades no interior da Igreja permitiu que as ações tomadas contra as Ordens não fossem vistas como ataques pessoais a Igreja e a Companhia.

3.2 – A educação na colônia após a expulsão da Ordem.

Após a expulsão dos jesuítas em 1579 até o seu retorno foi iniciado no Brasil um processo de laicização da educação e da instrução com o envio dos professores régio.

No momento da expulsão os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, além de seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. A educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional.

As formas dispersas do ensino e aprendizagem passaram a coexistir após a expulsão dos jesuítas em 1759 devido as Reformas Pombalinas. Após criar o alvará de 28 de junho de 1759, ao mesmo tempo em que acabava com as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, Pombal criou aulas régias de Latim, Grego e Retórica. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único e uma não se articulava com as outras.

A educação na colônia passou a possuir um caráter masculinizado após a expulsão dos padres. As escolas deixaram de ser mistas e restritas, ou seja, apenas aos filhos dos colonos e não mais direcionadas aos filhos dos nativos. Cabia aos senhores das fazendas o controle das “instituições” de ensino, como assim aquilo que era ensinado e quer iria ensinar.

Com a expulsão dos jesuítas os índios ficaram à mercê dos interesses alienígenas: as cidades desejavam integrá-los ao processo colonizador; os jesuítas desejavam convertê-los ao cristianismo e aos valores europeus; os colonos estavam interessados em usá-los como escravos. Como isso o objetivo de educar os índios foi esquecido e o propósito de educar foi redirecionado apenas aos colonos.

As escolas de instrução primária permaneceram e foram criadas escolas secundárias. As meninas (filhas dos colonos) eram enviadas para estudarem fora do país (Europa). Após o fim da Ordem e o fechamento dos colégios jesuíticos em 28/06/1759 em todo o reino e nas colônias é fundado em cada comarca às aulas régias avulsas secundárias- isso só para meninos- de Gramática Grega, Latina e Hebraica, de retórica e de Filosofia. Os professores passaram a serem escolhidos mediante aos concursos públicos e pagos pelo Erário Régio, ou seja, contratados como funcionários do Estado.

Ao desejar criar um moderno império português, Pombal reformula o processo de educação propondo uma nova metodologia a ser adotada nas aulas secundárias. O resultado foi o surgimento de uma nova forma de aprender latim, mais resumida, mais simples e indireta. Pombal também proíbe a utilização de livros dos jesuítas – como a Arte Latina, de Padre Manuel Álvares e a Prosódia, de Bento Pereira.

A expulsão dos jesuítas contribuiu para uma transformação nas instruções públicas em Portugal e nas colônias.

Como já mencionamos os colégios mantidos pelos jesuítas desapareceram até as reformas pombalinas essas escolas (jesuítas) eram as que constituíam os principais centros de ensino. Novas idéias pedagógicas foram implantadas, entre as quais figuravam o pensamento de Luis Antonio Verney.

O propósito de Verney era introduzir um novo método de estudos com o raciocínio no lugar da semelhança, ou seja, o de iluminar a Nação (Portugal) em tudo o que pudesse. Verney ainda criticou a gramática latina adotada nas escolas da Companhia de Jesus. Seu método pedagógico consistia em reduzir as regras de sintaxe e explicá-las por intermédio dos princípios universais. Mesmo com suas expulsões, os jesuítas conseguiram deixar na colônia suas ideologias religiosas, contudo essas ideologias foram incorporadas à formação da “nova” sociedade brasileira.

Contrariando a ideologia jesuítica ficava evidenciado que todos os colonos portugueses vieram ao Brasil na expectativa de se tornarem senhores dos índios e não os seus semelhantes e que não pretendiam trabalhar com suas próprias mãos.

Os aldeamentos, missões e os projetos jesuíticos de formar uma sociedade católica cristã entre os índios, de igualdade e moralismo foram transferidos para a Amazônia e para o Paraguai, mas também foi derrotada e destruída pelos interesses maiores da Coroa. A companhia de Jesus se arrastou até meados do século XVIII até declinar na sua tentativa de retorno – os quais veremos em outro capítulo – no século XIX.

A dizimação, a dispersão de seus habitantes e a miscigenação progressiva com o resto da população –negra e branca- dificultou a identificação dos verdadeiros nativos e da continuidade do trabalho catequético voltado para esses. Após a Reforma Pombalina (1759) até 1814, a história da educação no Brasil ficou reduzida segundo os planos e interesses das classes dominantes. Diante do quadro deficiente em que se encontrava a educação após a expulsão dos jesuítas a educação escolar devia voltar e a mesma foi pensada e reorganizada após a chegada da família real ao Brasil a partir de 1814 por interferência de D. João VI.

Portugal percebeu que a educação no Brasil estava estagnada e era necessário oferecer uma solução. Para isso implantou o "subsídio literário" para manutenção dos ensinos primários e médios.

Criado em 1772 era uma taxa, ou um imposto, que incidia sobre a carne verde, o vinho, o vinagre e a aguardente. Além de exíguo, nunca foi cobrado com regularidade e os professores ficavam longos períodos sem receber seus pagamentos à espera de uma solução vinda de Portugal.

Os professores, que substituíram os padres jesuítas eram geralmente mal preparados para a função, já que eram improvisados e mal pagos. Eram nomeados por indicação (dos senhores das fazendas) ou sob concordância de bispos e se tornavam "proprietários" vitalícios de suas aulas

régias. De todo esse período de "trevas" sobressaiu-se a criação, no Rio de Janeiro, de um curso de estudos literários e teológicos, em julho de 1776, e do Seminário de Olinda, em 1798, por Dom Azeredo Coutinho, governador interino e bispo de Pernambuco. O Seminário de Olinda tinha uma estrutura escolar propriamente dita, em que as matérias apresentavam uma seqüência lógica, os cursos tinham uma duração determinada e os estudantes eram reunidos em classe e trabalhavam de acordo com um plano de ensino previamente estabelecido. O resultado da decisão de Pombal foi que, no princípio do século XIX (entre 1801 e 1808), a educação brasileira estava reduzida a praticamente nada. O sistema jesuítico foi desmantelado e nada que pudesse chegar próximo deles foi organizado para dar continuidade a um trabalho de educação.

Esta situação somente sofreu uma mudança com a chegada da família real ao Brasil em 1808.

3.3 - Mudança e permanência: o retorno da Ordem dos padres e a estruturação da educação no século XIX.

A restauração da Companhia, após as Reformas Pombalinas e a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, aconteceu – na colônia brasileira – no dia 07 de agosto de 1814. Mesmo em períodos diferentes da história do Brasil, o retorno da Companhia teve sua razão de ser: servir aos interesses da Igreja e a do papa. Nos dois momentos históricos em que se registra a atuação dos padres da Companhia de Jesus percebe-se acontecimentos conturbados na Europa que atinge as esferas políticas, econômicas, sociais e intelectuais. Se no século XVI a Europa estava passando por transformações influenciadas pela Reforma Protestante, o Renascimento Cultural, a Contra Reforma entre outras, no século XIX, no retorno da Companhia, a Europa passava pelos mesmos problemas políticos e econômicos principalmente com o fim da Era Napoleônica e a formação dos Estados Nacionais.

Mesmo tendo sido pensado por D. João VI o retorno da Companhia para o Brasil a partir de 1814 é somente durante a Regência que os padres voltam atuar de forma incisiva na educação no Brasil principalmente após a criação do Ato Institucional de 1834. Diferentemente do período em que foi criada, em 1534, a Companhia que volta ao Brasil em 1842 foi formada por espanhóis e não por portugueses e italianos como no seu primórdio. A tentativa de retorno da Companhia em 1842 se assemelha a Companhia de 1549 quando observamos que ambas não tentaram primeiramente abrir colégios, mas tentaram trabalhos em sistema de missões e aldeamentos: “Como nos primeiros dias da Companhia, os jesuítas que voltaram não tentaram recomeçar abrindo colégios. De fato, os jesuítas espanhóis deram prioridade ao trabalho nas antigas missões jesuíticas de Sete Missões ou Sete Povos”. (AZEVEDO, 1983, p. 12).

O fato da Companhia de Jesus ter sido supressa pelas Reformas Pombalinas nunca foi bem aceita pela Igreja e pelos padres da Ordem, porém os padres deveriam ter continuado seu trabalho na educação. O retorno da Companhia de Jesus foi facilitado pela criação do Ato Adicional de 1834, o qual concedia autonomia às províncias para legislar dentro de sua jurisdição. Sendo assim as províncias regularizaram os ensinos primários e secundários.

O interessante é pensar no espaço de ação dos jesuítas após o seu retorno. No período colonial, primeira fase de sua atuação, entre 1549 e 1759, os jesuítas atuaram de forma maciça na Região Nordeste, grande pólo econômico da época e de domínio dos senhores de engenhos. Como vimos no capítulo um, que analisa a obra Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre, a Ordem foi suprimida devido à insatisfação dos fazendeiros diante da atitude “protecionista” dos padres da Ordem aos índios, porém é nesta mesma Região que a Ordem retorna e conquista espaço maior de atuação quando comparada as demais Régios do Brasil.

Mesmo tendo sido a Região, isso no período colonial, que devido os interesses econômicos da época foi na Região Nordeste que os padres iniciaram seu trabalho de retorno educacional: “(...) mas no Recife, onde se encontraram de fato fortes inimigos da Companhia, abriram um colégio com facilidade. A primeira vista parece estranho este fato, porém, um conjunto de fatores podem explicá-lo”. (AZEVEDO, 1983, p.14)

A Ordem retorna com uma facilidade maior para atuarem na educação após o ato Adicional de 1834, como já foi mencionado anteriormente, mas principalmente durante o Segundo Império.

Em sua obra sobre missões e jornalismo em Olinda, Pe. Ferdinand Azevedo afirma – baseado em suas pesquisas – que a ordem atuou de forma precisa e fundamental entre 1859 e 1867 defendendo a monarquia em conjunção com o Catolicismo.

Mesmo tendo retornado seu trabalho em momentos diferentes da história do Brasil, a Ordem dos jesuítas tiveram suas ações limitadas e inspecionadas pelo governo imperial, isto nos mostra, ainda, um resquício ou herança da Era Pombalina. O governo imperial controlava o que era ensinado, controlava e demitia professores de acordo com os seus interesses. Assim como no início de sua fundação e atuação, a Companhia de Jesus retorna sua ação educacional voltada para os ensinos das primeiras letras, ou seja, primário. Muitos dos alunos eram arrancados do convívio de seus pais nos primeiros anos de vida, entre quatro e cinco anos para as primeiras instruções. Isso se dava pelo fato de acreditarem que com essa idade a criança entrava em processo de formação do seu caráter: “(...) adquiriram numerosos adolescentes arrancados aos seus provinciais e rurais de “viver por si”, libertando-se progressivamente dos velhos laços caseiros”. (HOLLANDA, 1995, p. 144).

Novas situações e relações permeavam o Brasil em meados do século XIX e essas mudanças foram decisivas para moldar as tradições e a personalidade social tanto do período regencial quanto no Segundo Império, período em que se dar o retorno e atuação da Ordem Jesuíta.

Apesar dos pensamentos e ideais republicanos impregnarem as mentalidades dos jovens destes períodos, os padres da Ordem sofreram imposição – por parte de D. Pedro II. Apesar do retorno da Ordem, reformulada em quase sua totalidade, dos ideais republicanos e de novas mentalidades educacionais a herança pombalina continuava orientando como se devia estruturar e funcionar o processo educacional no Brasil, assim como herança de mentalidades dos “senhores do espaço privado” influenciando o que seria ensinado e de que forma seria ensinado: “Nem sempre, é certo, as novas experiências bastavam para apagar neles o vínculo doméstico, a mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal, tão aposto as exigências de uma sociedade de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária”. (HOLLANDA, 2004 b, p. 144).

A chegada da corte colaborou para acelerar um desejo de retorno e de estruturação do que se havia pensado sobre a educação para a colônia. A proposta educacional da Ordem após o seu retorno não foi diferente – como já foi mencionado – além de se dedicarem as instruções das primeiras letras, os professores da Ordem deveriam se dedicar e as escolas deveriam possuir em sua estrutura curricular a disciplina de Teologia Moral.

Em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre nos afirma – como já foi destacado no capítulo anterior – que a educação nos espaços da fazenda e na colônia era mista, ou seja, direcionada a meninos e meninas.

Ao analisar a Obra de Ferdinand Azevedo percebemos que após a expulsão dos jesuítas, as escolas passaram a possuir um caráter masculinizado, ou seja, direcionado apenas para meninos e rapazes, diferente do que ocorreu entre 1549 e 1759. Quando retornam suas ações educacionais os jesuítas percebem a necessidade de retornar as instituições voltadas para a formação de meninas e moças, sobretudo a educação moral. Para isso a Ordem necessita de ajuda de Ordens eclesiásticas femininas que existiam na época e contribuindo para o surgimento de novos conventos educacionais que seriam responsáveis pela formação dessas meninas: “(...) conseguiu os préstimos do Sacerdote Italiano, Dr. Gregório Lipparoni, discípulo do teólogo Pe. Antônio Rommini-Servati, para o cargo de reitor do Seminário de Olinda, e a colaboração de seis irmãs de Santa Dorotéia para fundar um colégio para moças”. (AZEVEDO, 1983, p.16).

É no início do século XIX, sob o governo de D. João VI que se iniciou um controle progressivo do Estado sobre a educação formal. Esta atitude era uma forma de organizar o sistema de instrução primária. A educação na colônia, no início do século XIX vinha sendo questionada e no início do Primeiro Império discussões fervorosas eram tidas sobre como deveria funcionar a educação no Brasil e que deveria ser responsável por ela. Após o fim Companhia de Jesus e sua

atuação no Brasil, não se registrou avanço da educação na colônia tendo em vista que após a expulsão dos jesuítas foram os senhores das fazendas que se tornaram os responsáveis pelas primeiras instruções. Já no Primeiro Reinado José Bonifácio em seu discurso ao se apresentar à Assembléia Geral Constituinte, em 1823, afirma que a educação estava em processo de declínio e que a ação dos senhores de engenho dificultava o retorno da Companhia de Jesus: "Que educação pode ter as famílias que se servem com esses infelizes sem honra, sem religião? Que se servem com os escravos, que se prostituem ao primeiro que se procura". (BONIFÁCIO, 1823 por – AZEVEDO, 1983, p. 17).

Para o Pe. Ferdinand Azevedo, os padres que participaram do retorno da Ordem Jesuítica deveriam ter apenas um caráter, de sacerdotes estrangeiros e que foram chamados e restabelecidos apenas para o serviço da diocese. Os padres que participaram do retorno da Ordem e do retorno do processo educacional tiveram suas ações limitadas, controladas e vigiadas, sobretudo pela Coroa e por moradores que não viam com bons olhos o retorno da Companhia. As instituições re-estabelecidas pelos padres a partir de 1850 não eram consideradas escolas: "(...) Ainda que esses pouquíssimos padres viviam em comum debaixo do mesmo telhado não constituem por isso uma verdadeira casa religiosa, ou colégio da Companhia de São José". (AZEVEDO, 1983, p. 37).

Segundo Azevedo, os padres que participaram do retorno da Ordem foram perseguidos para não continuarem com a proposta educacional jesuítica. Projetos foram criados com o único objetivo de expulsar, novamente, os jesuítas do Brasil. Para o governo a educação deveria ser promovida apenas por brasileiros natos.

Graças à ação dos jesuítas os colégios vão tomando um caráter parecido com os dos dias atuais. Passam a surgirem as escolas mistas de meninos e meninas e escolas secundárias e escolas privadas. Finalmente o processo educacional vinha se consolidando nos colégios e em especial nos antigos colégios jesuítas como o colégio de São Pedro e São Francisco Xavier.

O colégio das Artes tinha 273 alunos e o Ginásio Pernambucano, 96, enquanto todas as escolas de ensino secundário particular tinha 902 (sexo masculino 792, sexo feminino 110). A província teve recursos para sustentar dois colégios de importância além de outros de porte menor, e o mercado educacional era tão forte que, além disso, existiam vários outros colégios particulares. (AZEVEDO, 1983, p.71).

Como já foi mencionado é a partir da década de 1870 que as instituições educacionais vão se modelando e se tornando parecida com as instituições atuais. A educação oferecida visava não somente a formação do homem, mas também a formação do cristão. No que se refere às disciplinas oferecidas após o retorno da Companhia elas se diferem daquelas que foram oferecidas na época de sua formação e proposta na Ratio Studiorum. No período de sua criação e diante do público inicial, nativos, foram oferecidas apenas aulas de canto, contar, gramática, catecismo entre outras.

Após o retorno da Ordem e da estruturação da educação vão ser oferecidas disciplinas que se assemelham com as oferecidas nos dias atuais diferindo em poucas delas. Eram elas: Português, Latim, Francês, Inglês, Grego, História, Geometria, geografia, Religião, Lógica, Psicologia, Metafísica, Matemática, Física-experimental e Física-química. Horários de aulas, intervalos, refeições entre outros todos foram criados e regularizados pelos padres da Ordem. A idade para que as crianças sejam aceitas nas escolas, também, vai ser criada a partir dos pensamentos jesuíticos.

A idade para que uma criança fosse aceita nos colégio variavam de 6 a 12 anos e tinham que ser pagas pela a educação. Nas escolas podiam ser aceitos os meninos pobres, mas se esses tivessem um bem feitor que pagassem pelo menos os livros necessários acompanhado de um atestado de pobreza do pároco ou de uma pessoa de boa índole. Enquanto no período colonial a educação oferecida pelos jesuítas a todos independente de raça, cor, sexo ou posição social, nos anos que seguem o seu retorno as instituições se tornaram cada vez mais restritas e seletivas admitindo apenas aqueles que podiam pagar: “Admitiam alunos entre 6 a 12 anos e a anuidade dos internos era de 40\$000 por mês além de 5\$000 por mês”. (AZEVEDO, 1983, p. 72).

São os padres jesuítas que vão, também, implantar a uniformização dos alunos nos colégios.

A uniformização era obrigatória e sinal de organização. Os uniformes eram padronizados e com detalhes que caracterizassem a escola como o Colégio de São Francisco Xavier no Recife: “(...) jaquetas de pano preto sem gola, calça de pano ou casemira preta, gravatinha de seda preta, colete branco, um boné de pano preto com galão de ouro estreito e só correspondente a pala, que será de couro preto envernizado, e um par de borzequins”. (AZEVEDO, 1983, p. 73).

No plano de curso dos jesuítas as disciplinas deveriam estar associadas umas as outras – isso faz lembrar a questão da interdisciplinaridade dos dias atuais – mostrando para os alunos uma relação entre uma e outra e a importância de se estudar todas: “Com o estudo da gramática deveria se associar o de aritmética, história, geografia e elementos da história natural com o da retórica, álgebra e geometria e dos elementos geológicos e cosmografia com os estudos da filosofia racional e essa a física (...)”. (AZEVEDO, 1983, p. 75).

Os jesuítas não pararam de fazer missões entendendo que a mesma era necessária para que o processo educacional no Brasil fosse possível e que alcançasse todas as suas regiões. Nessas peregrinações após o retorno da Ordem, os padres percorreram vários estados da Região Nordeste e Norte e ficaram encantados com os cantos regionais e suas pluralidades, os quais retratavam mistérios sobre a vida de Cristo.

O desejo dos padres após o retorno da Ordem não era somente fundar colégios, mas alcançar o maior número de fiéis possíveis. E isto só poderia acontecer se os mesmos retornassem os pensamentos dos seus antecessores e percorressem o território nacional e fundassem “pontos” educacionais, ou seja, missões.

3.4 - O “recomeço” do fim: os últimos momentos da Ordem no século XIX.

Vários motivos contribuíram para o fracasso da Ordem, ou melhor, a expulsão da Ordem após o seu retorno. Em primeiro a falta de padres para que pudesse dar continuidade ao trabalho da Ordem. Outro fator foi à chegada da maçonaria, os quais eram tidos inimigos dos jesuítas. D. Pedro II recebe muito bem os maçons em 1872 causando uma insatisfação nos mesmos e principalmente na Igreja Católica. Diante da insatisfação da Igreja, D. Pedro Segundo cria duas leis eclesiásticas para limitar o controle do Vaticano sobre as igrejas locais e de certa forma vinculando a Igreja ao Estado. Foram elas as leis do Beneplácito e do Padroado.

A campanha contra os padres jesuítas que aqui ainda estavam transbordou para as páginas de vários jornais, segundo Azevedo, e de caráter violento que durou um ano, até 1873. Invasões ocorreram nos colégios jesuítas como forma de represália, de intimidação e com o intuito de acabar novamente com a Ordem dos padres no Brasil.

Algumas crianças que viviam em sistema de orfanato nesses colégios fugiram amedrontadas com as invasões e acolhidas nas casas circunvizinhas aos colégios: “Os meninos, que fugiam amedrontados, eram recebidos e agasalhados nas casas vizinhas”. (AZEVEDO, 1983, p. 102).

Em 1873, D. Pedro II manda suspender todas as irmandades pelo fato de as mesmas não aceitarem as regalias exigidas pelo imperador e não aceitaram ser explorados pelo mesmo. Dentro do próprio catolicismo existiam padres que não eram favoráveis a Ordem Jesuítica e que de certa forma apoiava as decisões do imperador e acreditavam que a Igreja deveria estar vinculada ao Estado: “O que sustentou ainda mais esta atitude foi à formação de um Clero que em grande parte visava à confirmação de seus benefícios eclesiásticos pelo Governo Imperial e seus políticos. Existiam por tanto “padres-políticos”, que consideravam a Igreja meramente como um ramo do Estado”. (AZEVEDO, 1983, p. 115).

A situação da Igreja e da Ordem se agrava perante o imperador a partir do momento em que os padres fundam um partido político que vai atacar as atitudes do imperador e a maçonaria. O Partido Católico vai atacar de forma direta tanto a permanência dos maçons aqui no Brasil quanto a autoridade civil a qual a formulou e apoiou.

Outro motivo que contribuiu para a expulsão da Ordem Jesuítica e de outras ordens do Brasil foi a Batalha ou Guerra dos Quebra-Quilos que ocorreu na Região Nordeste (Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte) contra os novos impostos cobrados, os quais receberam apoio dos padres jesuítas e capuchinhos. Esses últimos eram tidos como aliados do imperador, e ao tentarem justificarem a revolta dos colonos foram considerados, agora, inimigos do imperador.

A expulsão da Ordem após o seu retorno em 1814 teve seu início a partir do dia 17 de dezembro de 1874, a qual foi noticiada em vários jornais da época.

A Ordem foi novamente expulsa pelo fato de não concordarem com as atitudes arbitrárias do imperador. Azevedo nos apresenta que outro motivo para a expulsão dos jesuítas eram as suas nacionalidades – como vimos no início deste capítulo – que não eram portugueses e nem brasileiros. Os jesuítas encerraram sua contribuição para a construção e consolidação da educação no Brasil, desde o início até o segundo Reinado quando foram novamente expulsos, como ladrões e opositores do governo.

Os padres jesuítas estão plenamente justificados. Tudo quanto tinham de mais íntimo, de mais secreto, de mais reservado, lhes foi aprendido, tudo caiu nas mãos dos seus implacáveis perseguidores, tudo está no domínio da publicidade: e entre tanto os padres jesuítas foram deportados pelo abuso da força material e bruta, mas não foram submetidos aos tribunais, por que não cometeram crimes. (AZEVEDO, 1983, p. 133).

CONCLUSÕES

No início do século XVI a Europa estava passando por várias transformações nos mais diversos aspectos, seja eles político, econômico, social ou religioso. A Igreja ao perder espaço como influenciadora, também, nestes aspectos e na vida dos fiéis, após a Reforma Protestante, necessitava de ações que a ajudasse a conquistar novas áreas de atuação antes mesmo dos protestantes.

Em 1534 é criada a Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola, com o objetivo de catequizar os povos além mar e assim conquistar novos cristãos para a Igreja e de consolidar a conquista das terras para a Coroa Portuguesa através das ações missionárias.

Os padres da Contra Reforma queriam que fosse implantado na colônia um sistema educacional semelhante as das escolas de Coimbra. Para isto criaram um documento chamado de Ratio Studiorum. Este documento trazia algumas regras disciplinares, curriculares e institucionais para que fosse implantado o sistema educacional na colônia do Brasil. Para dar início aos seus objetivos os jesuítas tiveram que combater vários e enfrentar várias dificuldades entre elas: os costumes indígenas (migrações sazonais, o antropofagismo, o hábito de andarem nus, a língua falada) e os interesses dos colonos (escravização dos índios e sua utilização como mão de obra).

A educação implantada pelos padres, apesar de promoverem a educação coletiva num mesmo espaço entre índios e colonos, era diferenciada para os mesmos. A educação voltada para os nativos era direcionada a catequização e conversão dos valores indígenas aos costumes europeus. Aos índios era direcionadas aulas de canto, contar, tocar, latim e catecismo, enquanto os filhos dos colonos tinham aulas voltadas para uma preparação curricular para que um dia pudessem dar continuidade à obra missionária ou pudessem atuar de forma direta na sociedade. Além das aulas (disciplinas) direcionadas aos índios, os filhos dos colonos também tinham a mais matérias de gramática, geometria, entre outras.

Sendo assim percebemos que apesar dos interesses de “salvar” os nativos através do ensino os objetivos dos padres jesuítas ao implantarem a educação no Brasil era diferenciada para os mesmos.

A ação dos jesuítas ao implantarem o processo educacional na colônia foi de extrema importância para a construção da sociedade colonial. Um dos principais elementos para a construção, formação e manutenção de uma sociedade é a língua falada em seu próprio meio. m

Tomando este elemento como uma das bases para a formação de uma sociedade concluímos que os jesuítas forma os grandes responsáveis por este “ponta-pé” inicial a partir do momento que através de suas ações e a busca pela comunicação com os nativos e que se deu início a construção da língua falada e oficial da colônia. Foi através dos jesuítas e de suas relações com os curumins, filhos dos nativos, que se deu a construção da língua, tupi-guarani, falada na colônia.

A ação da Companhia de Jesus na colônia se deu em dois momentos e com objetivos e resultados diferentes. No primeiro momento de sua atuação, entre 1549 e 1579, até serem expulsos após as Reformas Pombalinas, a Companhia de Jesus, não iniciou o processo educacional construindo colégios, mas criando missões, ou seja, locais que servissem como pontos de abrigos, proteção e evangelização para os índios.

Ainda no período colonial houve uma tentativa de implantação das propostas do Ratio Studiorum e o desejo que a educação que se propunha implantar na colônia fosse semelhante às oferecidas nos colégios de Coimbra.

No segundo momento de atuação dos padres, na sua tentativa de retorno a partir de 1814, percebemos que as propostas educacionais não eram totalmente semelhantes as que foram oferecidas pelos jesuítas no fim do século XVI e no século XVII. As primeiras diferenças encontradas e com relação o Ratio Studiorum que, durante a tentativa de retorno pala Ordem, não foi implantada ou não deram continuidade as suas propostas no século XIX. Outra diferença era quanto às disciplinas curriculares.

Diferentemente do que foi oferecido no momento da implantação da educação no Brasil, as disciplinas oferecidas e trabalhas pela Ordem no século XIX envolvia áreas diversas como: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências naturais (químicas e físicas), geometria entre outras.

Outra grande diferença entre os dois momentos da atuação da Ordem no campo educacional é de que no início da colônia a educação era “controlada” pela Igreja e, sobretudo pela Ordem dos Jesuítas. Após a expulsão dos jesuítas, em 1579, o Estado Português era quem controlava e determinava o que seria ensinado e que ensinaria na colônia. Após o Ato Adicional de 1834 é que as provinciais conquistarão a prerrogativa de legislar sobre a educação primária, comprometendo em definitivo o futuro da educação básica, pois possibilitou que o governo central se afastasse da responsabilidade de assegurar educação elementar para todos. Assim, a ausência de um centro de unidade e ação, indispensável, face às características de formação cultural e política do País, acabaria por comprometer a política imperial de educação.

Algumas semelhanças também são encontradas nos dois momentos diferentes de atuação da Ordem dos Jesuítas no Brasil. Uma delas é o direito de meninas e moças poderem participar e ter uma instrução educacional. No primeiro momento de atuação da Ordem as meninas nativas podiam participar das “aulas” juntamente com os meninos, classes mistas – neste caso as filhas dos colonos não participavam ou não tiveram o direito de estudos aqui na colônia, eram enviadas para estudarem fora (Europa) – formadas por meninos indígenas e filhos de colonos. Quando os jesuítas foram expulsos as escolas passaram a ser freqüentada apenas por meninos. É no retorno da Ordem e sua

atuação a partir de 1864 que se retorna o pensamento, e se concretiza, de criar escolas para meninas, mas mesmo assim as escolas não eram mistas (existia escola para meninos e escola para menina)

Somente a partir de 1864 é que a educação no Brasil começa a tomar características semelhantes as dos dias atuais. Disciplinas estabelecidas, o direito meninos e meninas freqüentarem escolas, uniformização ou padronização de vestimentas (o que não existia no primeiro momento de atuação dos jesuítas), horários estabelecidos de permanência na escola, horários de aula, entrada, intervalo e saída entre outras medidas.

Concluimos, também, que o retorno da Ordem no século XIX contribuiu para o surgimento das primeiras escolas privadas do Brasil. O qual se deu pela necessidade de identificar ou diferenciar os abastardos (os que possuíam dinheiro) dos que não possuíam.

Apesar de concretizarem e estruturarem o sistema educacional após o seu retorno, a Ordem não conseguiu derrubar os pensamentos da Reforma Pombalina que ainda permanecia impregnada na mentalidade dos descendentes dos colonos. Isto contribuiu para que a Ordem, mais uma vez, fosse suprimida pelos interesses individuais, políticos e econômicos que imperava na sociedade brasileira.

Mesmo assim concluimos que graças à ação dos “santos” padres e da Ordem é que o sistema educacional no Brasil foi implantado, conseguiu resistir e chegou aos dias atuais com resquícios de sua proposta inicial.

BIBLIOGRAFIAS

- ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Vinicius. **História da sociedade brasileira: o Inferno dos Negros salvando esta gente.** Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1994.
- AQUINO, Rubem Santos Leão de. **História das Sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais.** Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 2003.
- ASSUNÇÃO, Paulo. **Os jesuítas no Brasil colonial.** São Paulo: Ed. Atual, 2003.
- AZEVEDO, Ferdinand. **Ensino, jornalístico e missões jesuíticas em Pernambuco (1866-1874).** 2 ed. Recife: Ed. Fundação Antônio dos Santos Abranches, 1983.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder.** 16 ed. São Paulo: Ed. Globo, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 51 ed. São Paulo: Ed. Global, 2006.
- HISDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira (leituras).** São Paulo: Ed. Thonson, 2003.
- HOLLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil.** 26 ed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.
- _____. **História Geral da Civilização Brasileira – Época Colonial: do descobrimento a expansão colonial.** 14 ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004 a. t. 1, v. 1.
- _____. **História Geral da Civilização Brasileira – Época Colonial: administração, economia e sociedade.** 11 ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004 b. t. 1, v. 2.
- _____. **Visão do paraíso.** 6 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.
- LOYOLA, Inácio. **Constituição da Companhia de Jesus.** 1 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.
- MESGRAVIS, Laima. **O Brasil nos primeiros séculos – XVI a XVII: os índios e a sociedade colonial.** São Paulo: Ed. Contexto, 1989.
- MAESTRELI, Mario. **Terra do Brasil: a conquista lusitana e o genocídio tupinambá: os soldados de Cristo na terra dos tupinambás.** São Paulo: Ed. Moderna, 1993.
- PAIVA, José Maria de. **Educação Jesuíta no Brasil Colonial: 500 anos de educação no Brasil.** 3 ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.
- WEHLING Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial: A Cultura Colonial.** 13 ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.
- WEHLING Arno. **Pensamento jesuítico no Brasil.** Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. 162, n. 410, p. 11-307, Rio de Janeiro. jan/mar. 2001.